

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FRY, Peter Henry. Peter Henry Fry II (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 20min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Peter Henry Fry II
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 19/01/2012 a 21/03/2012

Duração: 3h 20min

Arquivo digital - áudio: 4; Arquivo digital - vídeo: 4; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: África do Sul; AIDS(doença); Amazônia; Anos 1970; Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS; Atividade acadêmica; Brasil; Carreira acadêmica; Dança; Desenvolvimento sustentável; Direitos humanos; Ditadura; Educação; Estados Unidos da América; Etnias; Favela; Fundação Ford; Herbert de Souza; Índios; Inglaterra; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Leonel Brizola; Língua portuguesa; Magistério; Moçambique; Movimento negro; Organizações não governamentais; Pesquisa científica e tecnológica; Peter Fry; Polícia; Política científica e tecnológica; Política nacional; Religiões afro-brasileiras; Rio de Janeiro (cidade); Rio de Janeiro (estado); Sistema de cotas; Sociedade civil; Universidade Cândido Mendes; Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Campinas; Zimbábue;

Sumário

1ª entrevista 19 de janeiro de 2012: A entrada na Fundação Ford por meio de Bruce Bushey; a atuação em áreas de educação e direitos humanos na Fundação Ford; a relação com Carmem Dora Guimarães (Carmita); a morte de Bruce Bushey devido à Aids e o período como representante interino da Fundação Ford no Brasil; o caso do índio Tiuré; a relação da Fundação Ford com o tema da Aids e o apoio na criação da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (ABIA); o contato com os pesquisadores Richard Parker e Andréa Loyola; a relação da Fundação em Nova Iorque com os program officers no Brasil; a relação e a atuação de outros program officers; a repercussão, sendo um professor universitário, entrando na Fundação Ford após o fim da ditadura; a relação com o coronel Nazareth Cerqueira e as pesquisas sobre polícia; o contato com o Instituto de Estudos da Religião (ISER), com o Grupo de Apoio à Prevenção à Aids (GAPA) e com a Pastoral das Favelas; a conversa com Eugênio Salles; opiniões sobre ir de professor universitário para o cargo de representante e depois voltar como professor universitário; o caso do Centro de Estudos Afro-asiáticos, a expulsão da Fundação Interamericana e a proibição da Fundação Ford em interferir nas políticas do país; a participação nas pesquisas sobre a questão racial no Brasil e a tabela da diversidade; relatos sobre os financiamentos da Fundação Ford; a ligação com a questão das ações afirmativas, a ida para o Zimbábue e a fama de “Gilberto Freyre”; trajetória da Fundação nos últimos 50 anos.

2ª entrevista 21 de março de 2012: A chegada na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1970; os estudos sobre Umbanda e Candomblé no Brasil; a língua portuguesa como língua nacional e a relação entre a questão social e econômica; a relação com a Fundação Ford e com Shepard Forman durante o período na Unicamp; a ida para o Rio de Janeiro e o convite de Bruce Bushey; a contratação de Steven Sanderson e Katherine Sue Burns para os projetos de desenvolvimento sustentável na Amazônia e de direitos humanos; decisões importantes enquanto atuava na Fundação; o caso do projeto Pastoral das Favelas; o apoio da Fundação à causa da Aids; o contato com a Universidade de São Paulo (USP) e as Organizações Não Governamentais (ONGs); a conversa com Herbert de Souza (Betinho) do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE); a aproximação da questão policial durante o governo Brizola; financiamentos da Fundação; a presença da

Fundação Ford no Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes, as produções de pesquisa sobre movimento negro e a entrada de Carlos Hasenbalg; os projetos sobre o movimento negro apoiados pela Fundação Ford; a experiência no escritório da Fundação Ford em Harare, em Zimbábue; o projeto de Balé na Rodésia; a diferença entre Zimbábue, África do Sul, Moçambique e Brasil; a volta ao Brasil e a questão das ações afirmativas e sistema de cotas no Rio de Janeiro; o projeto de pesquisa sobre Umbanda e Pentecostalismo; o episódio com Rose em um pub na Inglaterra.

1º entrevista: 19/01/2012

L.L. – Peter, é óbvio que nós olhamos o seu depoimento para o projeto Cientistas Sociais de Língua Portuguesa¹, até para ter uma ideia. Então, eu vou tentar levantar alguns pontos, e você vai responder a eles ou dizer não, tal coisa é mais importante. Quer dizer, o seu depoimento, no fundo, explorando a sua atuação como representante do escritório da Fundação Ford no Brasil. Nesse seu depoimento do projeto Cientistas Sociais, você faz uma menção do tipo: “Depois, eu fui para a Fundação Ford no Rio, para ajudar meu velho amigo Bruce Bushey”. Eu olhei, pensei: mas esse é um caso muito particular, porque nenhuma das pessoas que a gente entrevistou aqui se referiu à entrada na Ford desta maneira. É sempre assim: “Eu respondi uma chamada que estava no The Economist. Respondi, passei por um processo de seleção com várias entrevistas”. Então, a primeira coisa, eu olhei e falei: bom, isso aqui é de estranhar. Se é isso mesmo, como é que foi essa entrada? Nós entrevistamos também a dona Prescilla [Kritz]. Dona Priscila também fez referência a isso. Disse: “Por ocasião de uma reunião do Conselho Diretor da Ford, no Rio, o Bruce [Bushey] chamou o Peter [Fry] e a Carmita Guimarães [Carmem Dora] para ajudá-lo na preparação do evento”. Então, não sei se eu já estou misturando, dando as respostas mas, é só para dizer o que a gente já sabe a respeito.

P.F. – Não. Aconteceu assim mesmo. O Bruce, eu conheci o Bruce quando ele era *program officer* na Fundação Ford, na década de... 70?

L.L. – Pode ser.

P.F. – É. E ficamos amigos, e mantivemos contato. Ele voltou para Nova Iorque, foi trabalhar como advogado. E de repente ele foi nomeado representante aqui no Brasil. Eu dava aula no Museu². Eu tinha saído de Campinas, de licença, para dar aula no Museu Nacional por um período de dois anos. Professor visitante. O Bruce, quando chegou no Brasil, estava muito inseguro. Perdão. Ele se *diz* muito inseguro, melhor dizendo. E logo se pôs a falar com os

¹ Projeto do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil que “tem como objetivo a constituição de um acervo de entrevistas de história audiovisual com cientistas sociais da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e sua disponibilização pela internet”

² Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro

velhos amigos para se informar sobre as mudanças no país, porque, afinal... Ele deve ter chegado... Quando? 84, 85. Você sabe?

L.L. – Não. Agora, não.

P.F. – Mas enfim. Que é uma época de enorme mudança no país, que é a restauração da democracia, etc., e também, uma coisa que eu queria conversar, que é a época do início das organizações não-governamentais no Brasil. E a Fundação Ford como grande financiadora delas no exterior, evidentemente, estaria interessada em entender o que estava a acontecer aqui no Brasil. Aí eu...eu ajudei. Ele estava... Ah! Também, outra coisa. Ele estava sem... Pessoas tinham saído do escritório. Michael Turner tinha saído, não sei quem mais. Ele estava quase sozinho lá. Aí ele pediu para eu ajudar coisa, verificar o inglês, escrever coisas, opinar. E...E foi assim. De fato, ajudei na... Nesse evento, completamente extraordinário, do Conselho da Fundação. Carmita [Carmem Dora Guimarães] também participou. Porque Carmita era especialista em... Era uma celebridade a Carmita. É. Além de antropóloga, ela também era uma pessoa de bom gosto, por assim dizer, então ela ficou incumbida de escolher os restaurantes, as camas, os armários e tal. Porque o Conselho da Fundação quando chegou no Brasil naquela época, a gente construiu uma espécie de bolha, para protegê-los de qualquer coisa que não fosse total conforto. Bom. E foi assim. Então, eu acabei me imiscuindo de fato, sem saber. E quando um belo dia o Bill Carmichael, que era o vice-presidente, um dos vice-presidentes da Fundação, veio para o Brasil me perguntou se eu não gostaria de trabalhar na Fundação, porque gostou do meu trabalho, tal, tal. Aí eu pensei com os meus botões: “Puxa, que bela oportunidade de passar um tempo fora da academia”. E aceitei, com muito prazer. Então virei *program officer*, brasileiro, com todas as desvantagens que, naquela época, os brasileiros tinham. Naquela época, os *program officers* norte-americanos tiveram milhões de... Além de salários altos, milhões de benefícios e coisa: carro, apartamento...

H.A. – Americanos ou estrangeiros?

P.F. – Qualquer estrangeiro. Qualquer pessoa que vinha de fora. Aí eu, brincando, um dia, eu disse para o [Bill] Carmichael, disse: “Bom, mas eu tenho meu próprio apartamento”. “Pintamos o seu apartamento”, ele falou, [Risos] “Para te ajudar”. Pintou o apartamento. Mas

enfim. Para mim, era ótimo. E... E foi... Bom. Aí eu comecei a aprender como funciona a Fundação Ford. Foi assim que entrei.

H.A. – Começou como *program officer* e na área?...

P.F. – *Program officer*, é. Não havia tanta especificidade naquela época. Não havia mesmo. Mas eu, de fato, dava uma mão em todas as áreas, porque eu... Educação, sobretudo, direitos humanos, fui aprendendo com o Bruce, que era advogado, que era especialista em direitos humanos. Mas trabalhei muito com ele nesse campo, e foi um dos mais interessantes, nessa época de 85, podem imaginar. Então foi lá que eu trabalhei muito, aprendi muito educação. Aprendi muito. Porque, pela primeira vez, era possível a Fundação trabalhar com as universidades públicas. Tinha havido, em relação à USP³, por exemplo, nenhuma doação para a USP desde 68. E acho que a Fundação não tinha acordado ainda ao fato de que a USP já era universidade autônoma de novo. Fui de Goldemberg e... Aprendi muito. O [?] Goldemberg foi incrível. Ele olhou para mim, disse assim: “Você é de origem inglesa, você vai gostar de nós. Vocês gostam da coisa pública, na Inglaterra”. Disse: “O senhor tem razão”. Aí começamos a interagir com a USP de novo. Então foi assim. Várias áreas. Até tive que aprender alguma coisa sobre aquela área que o representante anterior teria sido especialista: geração de renda. Você deve ter isso nos seus arquivos.

L.L. – É. É mais difícil.

P.F. – É. Essa foi, foi uma... Abri os olhos.

L.L. – Só uma coisa. A Carmita, que chama-se...

P.F. – Carmem Dora Guimarães.

L.L. – Ela é antropóloga daqui do Rio?

³ Universidade de São Paulo

P.F. – Sim, do Rio. Ela fez mestrado no Museu Nacional e tem uma tese de doutorado... Ou é de mestrado? Publicada sobre... Não. O mestrado dela é do Museu Nacional e se trata... Chama-se... Se trata da homossexualidade no Rio de Janeiro: “Uma rede de amigos”. E o doutorado dela é sobre Aids e mulheres. Os dois são publicados.

L.L. – Ficou fora do meu campo, eu desconhecia. Mas então a gente explica...

P.F. – Mas tudo isso era um família, de fato, um imenso nepotismo, porque o meu melhor amigo, o Eduardo Guimarães, que é sobrinho da Carmita, então a gente foi se conhecendo. Mas é assim que se faz as coisas boas. [Risos]

L.L. – É. E você deixa de ser responsável pelo *program office* da Fundação para assumir a representação, propriamente, depois da saída do Bruce, quando ele descobre que está com Aids e vai para os Estados Unidos?

P.F. – É. Isso. Isso.

L.L. – E ele morreu rápido, não foi? Não sei como foi.

P.F. – Não. É. Não, não me lembro... Mas foi horrível. Foi... Ai. Prefiro nem lembrar. Não. Ficou muito mal. Muito mal. A DST⁴ estava no iníciozinho, ele recebeu todos os tratamentos, melhores possíveis, e sucumbiu mesmo, sucumbiu rapidamente, sim. E mesmo no período da doença ele, de fato, quis voltar para o Brasil, quis, porque ele quis viver. Mas a decisão, que foi de fato contra a vontade dele, era de que o Brasil não tinha as condições médicas tão avançadas como em Nova Iorque, que era mais seguro ele ficar lá. Então foi assim. E, de fato, o escritório ficou acéfalo durante um bom tempo, não houve representante mesmo.

L.L. – Por isso que em algumas coisas eu vi escrito assim: Peter Fry, interino.

P.F. – Isso. Foi. Chama-se *acting representative*. É isso mesmo.

⁴ Doença Sexualmente Transmissível

H.A. – É curioso, que foram dois anos, você como representante interino, não é isso, de 86 a 88?

P.F. – É. Não sei.

H.A. - Mas parece que é muito marcante assim, para várias pessoas, porque várias pessoas que a gente entrevistou aqui te citavam como de um momento importante ali na Ford, apesar do pouco tempo. É curioso isso.

L.L. – Entre elas a dona Prescilla, que falou o seguinte: “O Peter foi um golpe de ar fresco na Fundação, porque ele era muito ativo, tinha as ideias ótimas, e o pessoal gostava muito dele”. Essa é a versão de dona Priscila. Mas aproveita isso para contar o episódio da invasão do índio Turié. (ri)

P.F. – Não. Tiuré. Tiuré. Ela deve ter melhor memória disso.

L.L. – Aí contou a história, que o índio entrou, queria falar com você... Porque eu acho que tinham suspenso...

P.F. – Não. Ele queria... Não.

L.L. – Queria falar com você, não tinha marcado, aí o índio fico nu na... [Riso]

P.F. – É. Não. Ele teria tido alguma conexão com a Fundação. Ele pediu uma bolsa individual. Havia, naquela época, bolsas individuais para pessoas. Ele queria fazer um vídeo, alguma coisa assim. E por alguma razão nós achávamos que não era, exatamente, o que nós queríamos financiar. Não coube nenhuma das áreas da Fundação da época. E não havia argumento que a gente poderia usar. Aí ele fez esse protesto. Tirou a roupa, sentou na entrada da Fundação, todas as secretárias em alvoroço, e eu com tarefa de retirá-lo do recinto. [Riso] Levou o dia inteiro para tirar. É. Famoso incidente.

L.L. – Você vê que as pessoas lembram. Muito bem. O Shepard Forman também observou isso, tanto o caso do Bruce quanto de outras figuras do *staff* de Nova Iorque como tendo sensibilizado a Fundação Ford em relação à Aids. E tornou possível até a própria Fundação assumir projetos com Aids, que não era da agenda dela.

P.F. – Não era, não.

L.L. – E a gente vê isso no caso, aqui no Brasil, do apoio à criação da ABIA⁵. Acho que a Ford foi uma das primeiras agências a financiar a ABIA.

P.F. – Não. Mas tem uma história, que talvez interessa. Quando abrimos os olhos para a emergências das ONGs, eu descobri que a Fundação não conhecia, não tinha relação nenhuma. Aí eu pensei: “Bom, então eu vou conhecer”... Não. Minto. Tinha. Tinha com duas ou três do direito alternativo. Pressburger era um deles. Tinha mais um lá em João Pessoa. Se vocês quiserem, eu posso tentar resgatar. Essas informações são muito importantes, porque eram organizações de direitos humanos que a Fundação sempre apoiava, que seriam chamadas hoje em dia de Ongs. Mas, por exemplo, com as grandes Ongs que... (faz), Ibase⁶, que dominavam, naquela época, o cenário, não havia nenhuma relação. Então eu fiquei incumbido de falar com eles. E eu fui muito bem recebido pelo Betinho lá no Ibase. Mas ele deixou bem claro para mim que ele não queria dinheiro sujo americano. Que eu achei absolutamente coerente de fato, porque havia um forte nacionalismo, a teoria da dependência ainda era muito forte. E eu respeitei, ficou por assim mesmo, não fiz nenhuma ingestão, não me ingeri mais. Fiquei calado. Até a formação da ABIA. Aí a ABIA se formou, e a Fundação tinha tomado a decisão de fazer alguma coisa. Aí pensei: “Meu Deus do céu! Deve ser por aí”. Fui de novo falar com Betinho. Ou Betinho veio falar comigo, não sei qual. Mas todas as arestas desapareceram, e ele ficou muito à vontade. Não havia outro financiamento de fato. E foi nesse momento que... Como a Fundação Ford tinha decidido que ela não poderia agir cientificamente, por assim dizer, em termos de remédio, esse tipo de coisa, mas seria o lado social-político da endemia que ela poderia ajudar. Então foi nesse momento que, nas conversas com o Betinho, a ABIA foi se formando, não apenas como um banco de dados, etc., mas também como produtor de pesquisa

⁵ Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids

⁶ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

na área social. Quer dizer, o lado social da Aids, epidemia. Aí entra em cena de novo Carmem Dora Guimarães. Porque ela estava fazendo pesquisa sobre mulheres e Aids, então ela também entrou lá. Não por nepotismo, absolutamente, mas porque era isso que ela estava fazendo.

L.L. – Competência mesmo.

P.F. – Não. Era a única pessoa que a gente conheceu que pesquisava o assunto. Depois veio Richard Parker, americano. E ele veio falar comigo na Fundação, eu pus ele em contato com Andréa Loyola, na UERJ⁷, que a Andréa [Loyola] estava pensando em fazer alguma coisa. Aí surgiu toda aquela pesquisa da UERJ. E o Richard [Parker] virou papa da coisa toda.

H.A. – Mas você estava nessas conversas iniciais da ABIA, mesmo dentro de um...

P.F. – Sim, sim.

L.L. – Isso que você disse, de alguma forma, explica porque a gente vê a Ford financiando a ABIA em 88 e depois só aparece financiando o Ibase em 90.

P.F. – Explica, é.

L.L. – Na minha cabeça, teria sido o contrário, teria investido primeiro no Ibase, depois, como consequência, na ABIA. Mas não. Foi o contrário.

P.F. – O contrário, é. Não. Foi o contrário.

L.L. – Graças a Deus a interpretação e os dados estão combinando.

P.F. – Está bom. É.

⁷ Universidade Estadual do Rio de Janeiro

H.A. – Agora falando de uma maneira mais ampla, Peter, sobre a sua experiência na Ford. Como era a relação com os *program officers*? Você se transformou num representante de repente, numa situação meio atribulada ali não é, por conta de um problema que surgiu com o representante anterior. Como era o contato com a matriz? Você já ia lá com frequência, como *program officer*?

P.F. – A gente ia muito. Havia muitas reuniões lá. Tive que aprender todo um novo vocabulário. Eu morria de rir. Aprendi todo um jargão. Agora são palavras comuns. Mas naquela época não. Era *impowerment* e coisa do gênero... E você... Inglês, você *address an issue*, que eu achava que endereçava envelopes, mas enfim. Eu aprendi tudo isso. No início, fiquei muito perturbado, mas aos poucos fui aprendendo. Percebi que toda instituição tem o seu... Então a relação com Nova Iorque foi muito interessante, interessantíssimo de fato, porque é uma instituição que chama a atenção. Além do prédio lindíssimo em Nova Iorque, era povoado por pessoas interessantíssimas. E como tinha tentáculos no mundo inteiro, o que foi acontecendo é que eu fui me abrindo, porque eu vim para o Brasil em 70 e fui virando nativo, quer dizer que fiquei muito localizado aqui. Até nem tive muitos contatos com a Grã-Bretanha. Então de repente virei uma pessoa que viajava, que conhecia o mundo. Para mim foi uma experiência, simplesmente, maravilhosa. Eu aprendi a falar curto, aprendi a escrever coisas curtas, intensas e claras, fundamentais. E tudo isso aprendi em Nova Iorque. Me dei muito bem com eles lá, muito, muito mesmo. E aqui no Rio, eu tive uma sorte! Durante esse tempo, havia apenas dois *program officers*, no início, Steven [Sanderson]... Steven, Steven, Steven... Isso é sério. Steven é um sociólogo, economista rural, que iniciou o programa da Fundação na área de conservação do meio ambiente, do desenvolvimento sustentável, etc.. Steven... Vou lembrar o nome daqui a pouco. Que era uma pessoa simplesmente excepcional, de uma inteligência raríssima, um senso de humor enlouquecido, passávamos horas rindo, rindo, rindo a quase tudo, e era uma maneira de manter nossa sanidade, porque se percebe que, quando você está com dinheiro na mão, as pessoas são horríveis mesmo. Steven... Meu Deus, qual é o sobrenome dele? Bom. E a outra *program officer* era Catherine Barnes, que era uma jovem, não tinha nenhum doutorado na época, historiadora, também iluminada. Uma mulher iluminada mesmo. Jovem, jovem, jovem. Parecia filha minha. E então ela ficou encarregada de direitos humanos, esse tipo de coisa. E me ajudava na questão de educação. Mas, de fato, nós três agíamos como um triunvirato. E tudo que vinha para o escritório a gente discutia entre nós três, para tomar

decisões. E foi simplesmente maravilhoso. Depois, o Steven foi embora e veio o Peter May, também excepcional. Excepcional. E depois veio uma... Outra mulher, Rebecca Reichmann. Mas essa, no final da minha gestão. Mas aqueles anos do início, quando era tudo muito inseguro, o tal interino e tal, éramos nós três. Por isso, o escritório andou bem, porque não tínhamos chefe de fato e era muito, muito... Muito interessante. Sanderson é o nome dele. Steven Sanderson. Brillhante esse menino. Brillhante. E muito, muito engraçado. Foi ele que iniciou os contatos com Mendes lá em cima, foi ele que fez a primeira doação para as florestas manejadas... Sim. Quer dizer que foi um momento muito importante para a Fundação Ford, nessa área também, que, até então, não havia nada. Depois veio o Steven, depois veio o Peter May, depois Anthony Anderson, e toda a extensão para Belém e Amazônia. Eu ia muito lá no Museu Goeldi. Até ganhei uma... Ganhei um documento do Museu Goeldi, me declarando honorário, membro honorário, alguma coisa assim. Fiquei felicíssimo, porque... Era um matemático que era o diretor, com quem me dava muito bem, adorava ele. E achava que era assim mesmo que a Fundação tinha que agir na área da ciência. E nesse caso, essas primeiras experiências de florestas manejadas, a ideia não era de apoiar aquele acontecimento, mas uma espécie de modelo, de uma possibilidade para o futuro. Eu acho que deu certo de fato, porque aumentou, virou lugar comum. Mas, naquela época, era tudo novidade. A própria frase desenvolvimento sustentável surgiu nessa época. Época que surgiu, provavelmente, as senhoras, e coisa do gênero.

H.A. – Isso que você falou, do lado cosmopolita, que foi importante para você, para ganhar o mundo de novo, mas também o Brasil, pelo que você está falando, de conhecer melhor o Brasil.

P.F. – Muito. Claro. Não. O Brasil abriu-se. E o Brasil ficou mais relativo, porque eu consegui ver o Brasil no concerto das nações. Porque, antes, não tinha tanta... Tanta *awareness*, consciência. Então foi... Não. Foi realmente... Abriu os olhos. E quando fui para a África, mais ainda, porque lá eu pude ver, olhar o Brasil de fora mesmo.

H.A. – Você sendo um professor universitário, e o Brasil saindo da ditadura, começando os seus tempos democráticos, o pessoal da universidade pública via com estranheza o fato de

você ir para a Ford? Essa reação que o Betinho teve, por exemplo, no começo, de ser dinheiro norte-americano.

P.F. – Boa pergunta. Não. Porque na minha área, na nossa área das ciências sociais, a Fundação Ford nunca foi mal vista. Por quê? Porque ela tinha agido muito bem ao longo da ditadura. Então ela tinha salvo vários cientistas sociais da... No caso do Bolívar [Lamounier], foi tirado da prisão, e coisa do gênero. E quando Fernando Henrique e companhia voltaram, o Cebrap⁸ foi financiado pela Fundação Ford. Então eu acho que houve um consenso na intelectualidade brasileira que a Fundação Ford tinha agido bem. Ela, de fato, agiu como uma instituição liberal no sentido americano e também no sentido da ciência política da costa leste dos Estados Unidos. [Riso] Uma instituição de elite de esquerda, em termos americanos, tinha agido corretamente, a favor da liberdade de expressão, contra as ditaduras, etc.. Ela foi... perfeito nunca ninguém é. Mas ela fez o que tinha que ser feito. Então, ir para Fundação Ford era uma coisa sem nenhum... Não. E provavelmente... Ah! Bom. Certamente, o lado... O outro lado das ciências sociais deve ter achado: “Ah! Lá vai ele”, provavelmente. Não sei. Em que, de fato, de vez em quando havia... Havia atritos. Mas nunca... O outro, que eu lembro, foi uma outra coisa que o Bruce iniciou, das coisas mais importantes que ele fez... Eu acho que a Fundação nunca mais fez nada tão interessante, modéstia à parte. Mas por quê? Porque era um momento de abertura política, então a gente teve que ficar no olho em tudo. E o Bruce, como advogado de direitos humanos, conhecia a relação entre o Estado, o governo federal, o governo do estado, do município com relação à polícia. E foi nessa época que o coronel Nazareth Cerqueira se torna chefe de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, no governo [Leonel] Brizola, que começa a emitir opiniões, com as quais ficamos deslumbrados de admiração. Logo fomos à procura dele. E ficamos totalmente encantados. Em Nova Iorque tinha uma... Não. Washington. Não vou me lembrar o nome das... lugar. Um chama-se Police Foundation. Tem vários outros. Que tiveram como missão, nos Estados Unidos, a ideia de fazer pesquisas sobre a polícia com a polícia, no sentido de assegurar os direitos de cidadania em relação... E nós achávamos que... O Bruce era absolutamente correto. Ele previu que era nessa linha que o Brasil, certamente, seguiria, porque era o único... Você não poderia lidar com a tortura sem lidar com os torturadores. E então a ideia era de estabelecer uma ponte com a polícia e a

⁸ Centro Brasileiro de Análise e Planejamento

inteligência das ciências sociais brasileiras. E organizamos um seminário na Casa Rui Barbosa, e veio Nazareth [Cerqueira] para declarar aberto. Então tinha as pessoas, na época, pesquisando sobre polícia. Tinha o Marcos Bretas e algumas outras pessoas. E o Cerqueira apareceu em roupa... Não uniforme, roupa normal. E para quem não conhecia, era um homem extremamente elegante. Lembra? Alto... Tipo [Barack] Obama assim. De estilo, sabe, um homem de estilo mesmo. Cabelo branco, branco, branco, e um sorriso... Fico emocionado, porque ele foi assassinado, você sabe.

H.A. – A Elizabeth Leeds está escrevendo, acho, uma monografia sobre ele.

P.F. – Ah, é? Ah, que bom. Ele foi lá no palco, eu apresentei ele, aí ele disse assim... começou: “Eu sofro de dois estigmas: sou negro e sou policial”. Eu chorei. Porque era isso mesmo. Do ponto de vista dele, ser policial é estigma, porque era tudo mal(visto). Então tinha que mudar essa relação da polícia com a... Então dessa surge a relação dele com a UFF⁹. Eu não sei, você deve ter lido as últimas notícias da UFF, que agora tem um curso. Mas houve muita resistência, muito, muito, muito, na época. “Como é que vocês podem falar com polícia?!” Eu disse: “Não, mas o passado é passado. O Brasil está a mudar. E vai mudar”. Mas esse foi um momento de atrito mesmo. Acharam que eu não deveria estar falando com a polícia... A repressão, as forças de repressão. Eu disse: “Não, mas a ditadura acabou”. Polícia... E também era muito interessante porque ele, Jorge da Silva e outros, tinha uma academia lá em Niterói e tal, e o próprio Nazareth Cerqueira era mais preocupado pelo alcoolismo e taxa de suicídio dentro da polícia que outra coisa. Também. Quer dizer que ele reconheceu que a carreira de policial era uma carreira já contaminada por essa relação terrível entre a polícia e a sociedade. Bom. Ah! “Nós somos cidadãos”, ele dizia, “Nós somos cidadãos”. Também somos. Foi muito interessante. Muito. Isso deu certo. Quando vi aquilo... Pode ser um bom curso, pode não ser, pode ser... Mas o importante é ter a polícia junto.

H.A. – É interessante como uma pessoa pode fazer a diferença, que por conta dele tudo começou.

⁹ Universidade Federal Fluminense

P.F. – Foi, foi. Acho que foi mesmo. Foi mesmo.

H.A. – Mas depois desse seminário, como é que se seguiu? Você falou da UFF...

P.F. – Não. Seguimos... Não. Bom. Te falei que tínhamos essas bolsas individuais, então demos uma bolsa individual para o Nazareth e ele foi para os Estados Unidos conhecer o tal Police Foundation e as outras organizações lá. Não me lembro quais são. E lá ele foi conversando com as pessoas. E lá ele teve a ideia de trabalhar junto com a universidade. Ele tentou fazer um curso lá na UFF, que tinha amigos lá, que a gente financiou durante um tempo. Não sei o que aconteceu depois, não sei. Mas foi assim. Quer dizer que nós, Bruce e eu, reconhecemos nesse homem a possibilidade de um Brasil diferente. [José Mariano] Beltrame é uma espécie de herança desse... Acho. É da mesma tradição. Fico emocionado, porque... Que deu... É uma coisa muito importante, eu acho. Muito. Porque eu sempre achava... E quando, uma vez, veio uma paquistanesa das Nações Unidas, que disse que o ventre fraco do Brasil era o sistema carcerário. Ventre... *Underbelly*, em inglês. Sabe aquela parte sensível dos animais? *Underbelly*. Era o sistema de injustiça criminal.

L.L. – Ainda é.

P.F. – É, ainda é. Ainda é.

L.L. – Você ficou atento a esse momento e a essa ausência da Fundação Ford em contato com as ONGs. E você mencionou o Ibase. Você lembra de outra, na época, que vocês tenham feito contato?

P.F. – Iser¹⁰... Não sei se a gente fez alguma coisa com o Iser ou não. Com as ONGs que surgiram com a Aids. GAPA¹¹, São Paulo. Aliás, GAPA foi uma das primeiras que a gente financiou. GAPA em outros lugares também. E essas de direitos humanos, de direito alternativo. Miguel Pressburger era aqui no Rio de Janeiro. Não lembro o nome da organização

¹⁰ Instituto de Estudos da Religião

¹¹ Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS

dele. Uma pena que eu não lembro os nomes. Mas isso valeria a pena uma pesquisinha. Porque essas organizações procuravam influenciar... Ah! Luis Freire. Não. Que Freire.

L.L. – Luis Freire é o centro lá do Recife. É isso?

H.A. – De Olinda.

P.F. – Isso mesmo. Isso fazia parte dessa penca de ONGs de direitos humanos. E fomos a Recife. Eles tinham uma verba da Fundação Ford, e lá aprendi...

H.A. – Já tinham.

P.F. – Já tinha. Já tinha antes de eu chegar. Essas, de Pressburger, Luis Freire, eram anteriores. E tinha também com a Igreja Católica, aqui no Rio de Janeiro, Pastoral das Favelas. Essa foi interessantíssima. Essa é uma história que acho que vocês podem também perseguir. Porque era uma dinheirama de fato essa. A ideia era de... A ideia era que através da Pastoral das Favelas é que as favelas seriam urbanizadas, o direito de propriedade seria estendido. Então havia toda uma coisa arquitetônica e de direitos humanos. Propriedade da terra. Aí eu tive um acesso privilegiado, porque meu amigo Eduardo trabalhava nessa coisa, que era garantia da Fundação Ford. Então, através dele, eu tive uma outra perspectiva, que não, apenas, conversar com o bispo. Tanto é que escreveu o mestrado dele sobre isso. Chama-se *Negócio da Terra*. É lindo. Fez no Iuperj¹², acho. Não. UFRJ¹³. Não me lembro. E essas doações grandes iam sendo roladas, períodos de dois anos, três anos, depois mais três anos, mais três anos. E um dos grandes problemas, que as pessoas não percebem, olhando para as fundações, é que elas dependem de bons projetos. Elas dependem. Porque elas *têm* que dar dinheiro. É obrigatório. Eles *têm* que desembolsar o dinheiro. E o funcionário tem que desembolsar. E o funcionário é avaliado na sua capacidade de desembolsar dinheiro bem. Então, funcionário que não dá *grant* nenhum é um desastre. Zero produtividade. Então era uma angústia, porque chegava tanto projeto ruim, mas tanto... E tinha esses grandões que achavam, pelo menos esse dinheiro vai... Aí de repente vem um recado da Cúria: “Não queremos mais”. Pensei: “meu Deus do céu! Nós

¹² Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

¹³ Universidade Federal do Rio de Janeiro

temos mais quatrocentos mil dólares para dispendiar. Aonde que vamos?”. Estou sendo muito franco com vocês. Mas é assim que...

L.L. - É bom isso.

P.F. – Aí... Vou falar com o arcebispo, eu pensei, vou falar. Então marquei uma entrevista com o arcebispo. Quem era o arcebispo? O grande arcebispo.

L.L. – Era o...

P.F. – Me ajuda, porque eu estou com Alzheimer. Dom... Escreve no *Globo* todo domingo. Escrevia.

H.A. – Dom Eugênio?

P.F. – Eugênio Salles. E todo mundo com medo de Eugênio Salles. Porque na confraria dos... Era sub... Conluio com ditadura, sabe. Esse tipo de acusação. Lá vou eu falar com dom Eugênio. Ele me recebeu num lugar muito escuro, lembro, ele todo de preto, e uma presença, daquelas presenças que você reconhece que não... [Riso] não é pouca coisa. Aí me explicou por que ele não queria dinheiro. Disse: “Não estou mais interessado nisso. Eu estou interessado agora em conversão”, em... qual é a palavra? – *preaching*... a parte religiosa. Como que é?

L.L. – Pregação.

P.F. – Pregação. Não. Pregação não. Era... Bom. Eu vou lembrar a palavra. Mas a ideia de... É, pregação, mas... Tem palavra específica. Bom. “Porque eu sou religioso. A minha preocupação é com a fé católica. E eu vou usar mão de obra em outras coisas”. Diz isso e disse porquê. “Porque o governo do estado do Rio de Janeiro está fazendo o que nós estamos fazendo. Eles já estão fazendo isso”. Tinha razão. Brizola já estava com essa ideia pelo menos. Quer dizer que ele, antenadíssimo, percebeu que... Por que a igreja vai gastar esforço numa coisa que o estado já está fazendo? Então eu vou investir... Procelitização. Essa a palavra.

L.L. – Proselitismo.

P.F. – Proselitismo. Eu achei o argumento perfeitíssimo. Porque da mesma forma eu, como representante da Fundação, jamais daria dinheiro para alguém fazer o que o Estado faz ou deveria estar fazendo. Aí eu não tive mais argumento. Acho que ele tinha toda razão. Eu comecei a ter um respeito, porque era a primeira pessoa que recusou dinheiro da Fundação. Nunca ninguém tinha recusado. Nunca. Muito pelo contrário, ficaram iradíssimos se não tinha. Tiurê é um exemplo pitoresco. Mas tinha muitos Tiurês fazendo escândalo por que não... E foi nessa entrevista, Lucia, que ele começou a falar dele mesmo, não sei por quê. Aí, de novo, fico emocionado. Que ele começa a falar da relação dele com o governo militar. E tudo que agora ficou de conhecimento público ele me falou. Ele disse: “Muita gente pensa mal de mim. Mas eu tive que tomar... Eu tive, como cristão, eu tive que decidir, de pensar que mais posso fazer para o bem das pessoas”. Aí ele reconheceu que o acesso que ele tinha ao governo militar propiciaria mais felicidade de que ficar batendo contra. Então ele alega ter salvo muita gente de tortura e tal, que eu acho que é verdade. E quando saio daquela entrevista, conversar com os amigos, eles não acreditavam em mim. Acharam que eu tinha sido iludido.

L.L. – Convertido ali. [Riso]

P.F. – Convertido. Não. Mas eu percebi que, claro, é um dilema moral, não é verdade? Você vê um governo horrível, que você não... Mas você acha... Ele achava que ele tinha mais poder trabalhando com, do que batendo contra. Que era mais ou menos o que nós estávamos pensando em relação à polícia. Quer dizer que, claro, você deve criticar a polícia. Mas se você não faz alguma coisa no sentido de mudar a polícia, nada muda, não é verdade? Então... Fiquei muito comovido com isso. Muito mesmo.

L.L. – É. Isso, hoje em dia... Quer dizer, depois teve pesquisa mostrando, documentos e tudo... E isso está comprovado.

P.F. – É, saiu. Está tudo corroborado, é. Comprovado.

L.L. – Mas foi das últimas coisas. Porque tinha a divisão, Dom Eugênio, aqui no Rio, que era ligado ao governo militar, e Dom Evaristo, que era...

P.F. – Dom Evaristo Arns, o santo lá de São Paulo. Exatamente. Exatamente. E cada qual fazia o que tinha que fazer. Porque dom Paulo também fez certo.

H.A. – Peter, ainda nessa questão academia – Ford, digamos, a sua vida dupla nesse sentido, eu te perguntei em relação a...

P.F. – Não era dupla.

H.A. – É, não era dupla, eu sei. Não. Mas...

P.F. – Não, não era. Sabe por quê? Porque a Fundação Ford naquela época se alimentava com acadêmicos e se via como uma instituição semi-acadêmica. Quase todo mundo era arrancado de... Mas enfim. Continua.

H.A. – Não. Entendi. Pois é. E o fato dela investir muito nas universidades.

P.F. – É.

H.A. – Como era isso para um professor universitário que estava agora no cargo de representante, lidar com os seus colegas pedindo dinheiro e depois voltar?

P.F. – Difícil. Muito difícil.

H.A. – É delicado.

P.F. – Delicadíssimo. Delicadíssimo. Porque, às vezes, tive que peitar mesmo. Peitei Cebrap. Que eu tive que... O [José Arthur] Giannotti. Difícil. Eu jovenzinho, era muito menino na época, o Giannotti já o grande filósofo brasileiro. E eu achava que Cebrap não tinha acordado às mudanças. Que Cebrap se criou quando a Universidade de São Paulo não podia

ser apoiado. Mas havia uma instituição paralela. Não havia nenhuma sinergia entre Cebrap e a USP, por exemplo. Eu achava que isso não merecia ser apoiado pela Fundação. Então fui falar. Foi horrível. Nós somos amigos até hoje. Então, eu acho que os argumentos eram procedentes, eu acho que ele entendeu. E penso que esse é o papel mais interessante desse tipo de organização. Não é de interferir no sentido de dizer faça aquilo, faça... Mas de discutir. E quando você tem bons interlocutores, é muito interessante. Eu achava que Cebrap tinha que acordar. Tanto é que agora há muito mais... Desde então, Cebrap muda, porque as pessoas da USP, da Unicamp¹⁴ e companhia que vão a trabalhar, ficam ligados, desligados e tal, que lhe oferece o tipo de flexibilidade que a universidade não pode. Ele foi uma. A outra foi Cândido Mendes. Com o Cândido, porque foi... Era o Centro de Estudos Afro-asiáticos.

L.L. – Sim, sim. Esse...

P.F. – Essa foi terrível.

L.L. – É. Esse aí pode contar, que queremos saber tudo. [Riso]

P.F. – Não. Essa foi terrível. Porque o Centro de Estudos Afro-asiáticos foi... Foi... [Suspira] No papel, ele era descrito, em todos os documentos internos da Fundação Ford, essa instituição era descrita como instituição de pesquisa. Mas, quando veio para a renovação, eu vi que não tinha feito pesquisa nenhuma. Aí ou eu mentia para os meus chefes lá de Nova Iorque ou... Aí eu resolvi comprar a briga. Então fui falar com o Cândido. Disse: “Olha, Cândido, desculpe, mas eu não estou vendo pesquisa saindo dessa instituição. Não posso justificar”. Eu não sou ingênuo de perceber que não tinha objetivos políticos também. Não sou. Não era essa a questão. Mas a ideia era de fazer a política através do levantamento de boa pesquisa. Aí eu fui falar com Cândido. E o Cândido olhou, disse: “Você tem razão. O que é que eu vou fazer?”, “Bom. Não sei. O problema é seu, não é meu. [Riso] Mas você tem que ter pessoas produzindo pesquisa”. O que é que ele fez? Pegou o Carlos Hasenbalg e botou ele lá.

L.L. – E Nelson do Valle.

¹⁴ Universidade Estadual de Campinas

P.F. – Nelson do Valle, é. Mais ou menos. Mas o Carlos era o diretor da coisa. Isso criou atritos horríveis, até hoje, com alguns ativistas que lá dentro ficaram, com certeza. O Jacques D'Adesky, por exemplo, Paulo Roberto, não sei o sobrenome dele, Paulo Roberto, que sempre aparece em coisas do estado, mais do estado. Eles, evidentemente, ficaram muito machucados. Bom. Mas, enfim, eu fiz o que achava que tinha que fazer.

L.L. – Mas aí você está mencionando isso que é a questão da produção do conhecimento nos campos, que tem um lado que a Ford sempre valorizou, valorizava muito mais, e... Na época, não sei hoje, e a questão de intervenção, da militância.

P.F. – Sim, sim.

L.L. – Quer dizer, a gente consegue pensar essas duas coisas separadas abstratamente. Mas as instituições juntam isso de várias formas. Essa questão era muito presente nessa época?

P.F. – Claro. E era um caso até exemplar. Porque a Interamerican Foundation, a Fundação Interamericana, teria sido expulsa do Brasil pela sua interferência na questão racial. Não me lembro exatamente qual foi o.. O *grant* que fizeram. Na época, eu sabia. Quer dizer que o governo militar aproveitou disso para eliminar *the* Interamerican Foundation. E Interamerican Foundation era muito menos significativa como financiadora que Fundação Ford. E a Fundação Ford tinha feito coisas muito mais arriscadas que a Interamerican Foundation aqui, contra a ditadura. Mas sobre essa questão específica eu posso falar, porque eu estava no centro dessa coisa. Eu achava que o papel... Bom. Primeiro lugar, a Fundação Ford é proibida de interferir diretamente na política de qualquer país, inclusive o seu próprio. E isso é... De vez em quando, causa atritos, quando ela é criticada no governo, no parlamento norte-americano. Que ela pode ser. Por quê? Porque ela é isenta de imposto de renda, então ela tem que obedecer as regras do imposto de renda norte-americano. É isso que rege as fundações. Inclusive os que recebem dinheiro. Você não pode dar dinheiro para uma organização que não tem uma... Chama-se 501C3, que é a classificação do imposto de renda. Ou seja, uma organização não lucrativa, que tem tais, tais características, inclusive conselho diretor, disposições caso cair... Quer dizer, caso acabar. Esse tipo de coisa. Bom. Mas a linha entre interferir e não interferir é muito tênue, é

muito, muito tênue. Então depende de juízo de quem está no lugar. Por exemplo, em Tanzânia, a Fundação Ford apoiou o Instituto Moçambique, que era do Eduardo Mondlane, em Dar-es-salaam, que treinava pessoas para lutar contra os portugueses em Moçambique. A Fundação Ford foi severamente criticada por isso, porque era possível argumentar que ela estava de fato armando guerrilheiros, que estava, indiretamente. Mas, enfim, sobreviveu. Tirou um pouco do financiamento, ficaram com menos financiamento. Mas isso veio dos deputados norte-americanos, na briga política grande. Bom. Mas sobre Tanzânia. Aqui no Brasil, na questão racial, eu achava...

L.L. – Pois é. É muito grande o tema, para a gente...

P.F. – Eu estava, como qualquer pessoa minimamente ciente, preocupadíssimo com o futuro dessa questão no Brasil, porque era óbvio, pelas estatísticas, o que estava acontecendo. Quer dizer que não havia nenhuma melhoria na relação entre pessoas mais escuras e mais claras. Eu achava que a Fundação Ford poderia contribuir para essa discussão revelando, cada vez mais, essas disparidades. Por isso... Essa foi a lógica, inclusive, do Centro de Estudos Afro-asiáticos. Essa foi a lógica. E é por isso que eu achava que tinha que produzir material de pesquisa, porque eu achava que sem esse material de pesquisa era voz sem fundamento e sem... Sem poder no mercado da política. Por isso.

L.L. – E a Ford financiou, quer dizer, você, na época, financiou o Centro de Estudos Afro-asiáticos.

P.F. – Sim. Não. Eu herdei essa doação.

H.A. – E foi lá conversar com Cândido.

P.F. – Fui, com Cândido. Porque eu achava que não estava produzindo pesquisa. Aí que foi um... Perdi amigos. Não sei se eram amigos, mas eu... Foi difícil, muito difícil. Mas eu achava que eu tinha razão. Eu achava, como até hoje acho, que qualquer posição política tem que ser apoiada em argumentos convincentes. Acho. Pelo menos, a política que posso respeitar.

H.A- Claro.

P.F- Então eu achava que, para isso, era fundamental ter esse tipo de dados. Inclusive dados sofisticados, e não banais, que são fáceis de fazer. Aliás, desde então, a coisa ficou muito menos sofisticada de fato. Aquele período com Carlos [Hasenbalg] e Nelson [do Valle] produzindo as coisas, essa é a melhor época deles, porque eles estão tentando, com todo cuidado, ver variáveis de classe, história, família e cor na produção das desigualdades e reprodução delas no Brasil. Então foi um momento muito positivo. Eu me dei por satisfeito, porque sai disso uma revista altamente profissional. Não sei se continua até. Não sei. Era muito boa aquela revista. Começou a treinar jovens, que depois viram pessoas importantíssimas na academia brasileira e, indiretamente, na militância também. Quer dizer que foi... Não foi uma decisão mal tomada, não, penso.

L.L. – Me diga uma... Continuando, perseguindo esse momento, alguém já disse, já esqueci quem foi, que você teve um papel importantíssimo em torno do centenário da abolição.

P.F. – Foi.

H.A. – Foi a Fúlvia [Rosemberg], da Fundação Carlos Chagas.

L.L. – A Fúlvia. É. Falando isso. “O Peter resolveu aproveitar a ocasião e tentar”.

P.F. – É, isso é verdade. É verdade.

H.A. – Era o momento. Se não fosse ali...

P.F. – É. Achávamos que era o momento. E... Bela pesquisa, coordenada pela Heloisa Buarque de Holanda, aqui no Rio. Tem um acervo lindíssimo, que está lá para todo mundo ver. Eles fizeram uma entrevista com todo mundo. A Heloisa [?] que juntou uma equipe *ad hoc* para fazer isso. Maria Laura Viveiros de Castro, a Yvonne Maggie, a própria Heloisa, em São Paulo... Não me lembro... Ah. Lily Schwarcz. Eram várias pessoas assim, que foram entrevistar os principais protagonistas e tentar guardar os documentos produzidos durante este ano de

1988. É, foi um bom projeto, belo projeto dela. Belo projeto. Eu já tinha tido experiência nisso. Porque quando dava aula em Campinas, em 1978, eu montei uma exposição lá, chamada *90 anos de abolição*. E aprendi muito, porque tem tanta coisa. Bom.

L.L. – Não. Mas esse... O outro tema chave interessante que você tem a ver é exatamente essa questão racial no Brasil.

P.F. – É. Mas, por outro lado, eu percebi mais que nunca o abismo entre o Brasil e os Estados Unidos da América nessa questão. Porque os Estados Unidos, a Fundação Ford tem uma tabela, que eu tive que preencher, de um lado tem uma coisa chamada gênero. De fato, não era gênero, era sexo mesmo, homens e mulheres. Não tinha lugar para travesti, então... *Male, female, black, white*. Era uma coisa assim, uma tabela primitiva, eu achava, muito primitiva. E tive que perguntar às pessoas quantos negros que você tem na sua organização. E as respostas mais extraordinárias. Assim: “Bom, nós temos, mais ou menos, oitenta por cento brancos, dos quais oitenta por cento são... Mas são todos negros”. Sabe? Esse tipo de coisa. Porque as pessoas não estavam acostumadas a pensar dessa maneira.

L.L. – E foi nesta época que isto começou a aparecer na Fundação Ford?

P.F. – Já estava. Já existia essa tabela. Já existia essa tabela. Mas foi nessa época que a Fundação Ford... Eu perdi. Se vocês estão fazendo pesquisa, vocês vão achar. É um documento chamado Diversidade, *Diversity*. Porque essa tabela chamava-se *diversity table*. Agora esse documento Diversidade, eu gostaria muito de ter guardado, porque é uma espécie de declaração a favor da diversidade. É muito interessante. Eu lembro, quando saiu, eu escrevi para o presidente da Fundação, disse: “Essa não presta”. Porque dizia assim: “Sem diversidade não há excelência”. E eu disse: “Mas isso não é verdade”. Empiricamente, não é verdade. Vai me dizer que o Shakespeare não era excelente? Ele não era diverso. Ele era ele. Vão me dizer que o Mozart não presta porque não... Quer dizer que é uma inverdade, que tem que ser melhorado. Foi nesse momento, eu acho, que começaram a me chamar de oposição leal, na Fundação Ford. Porque eu comecei a reagir contra essas coisas. E reagi achando, otimista... Bom, meio utopicamente, que o Brasil poderia ter uma solução diversa, por assim dizer, e que a própria diversidade das nações tinha que ser respeitada. Ou seja, o Brasil é diverso dos Estados Unidos

da América. Então, se você vai ficar a favor da diversidade, há de reconhecer essa diversidade. Mas... Perdi essa batalha, perdi mesmo.

[Interrupção da gravação]

L.L. – Voltando a essa questão. Uma coisa interessante, aí você pode nos ajudar a entender isso. Olhando alguns dos financiamentos... Porque nós recebemos, temos acesso a uma planilha das doações da Fundação Ford de 1962 até hoje. É um número lá, a data, o que é, para quem deu, e um resumo do que se trata. Então, olhando assim...

P.F. – Essa engana muito.

L.L. – É. E é muito... Quer dizer, se olhar por essa planilha, começa a existir alguma coisa que fale de questão racial, África, *black*, etc., nos anos 80. Antes disso, não aparece. Pode ser que não tenha ou pode ser que não tenha sido resumido desta maneira. Então, em 82, tem um dinheiro para a Sociedade Brasileira de Instrução, que era a Cândido Mendes. Depois tem uma coisa, em 85, para o Olodum. Depois tem, 87, Associação de Arquivistas, para fazer um trabalho sobre fontes de história africana...

P.F. – Ah! Essa foi genial. Foi genial. É o Arquivo Nacional. Não. É genial. Foi Celina [Maria Celina D'Araújo]. Esse foi um grande projeto dos que a Celina fez. E foi por causa da abolição. Esse foi um dos melhores projetos que a gente financiou. Dois grandes volumes. Está tudo lá. Mas tem outras coisas. Não tem do Maranhão, não?

L.L. – Depois tem uma coisa, aí já do Geledes.

P.F. – Esse, depois de mim.

L.L. – É. Aí já é depois. Então, por exemplo...

P.F. – E tem coisa do Maranhão. Não tem? Isso é muito importante. Que eu fiz. Que era uma coisa para levantar a situação das comunidades negras do Maranhão. Foi uma ONG, uma dessas ONG, que você não vai reconhecer pelo nome. Deve ter sido 87, 8, por aí.

H.A. – Por que foi importante?

P.F. – Foi importante porque quem participou disso foi o Wagner, Alfredo Wagner. E o Alfredo Wagner que vai distribuir pelo país essa visão diversa do Brasil. E ele me agradece. Eu tenho que engolir em seco, porque não foi essa a minha ideia, de dividir o Brasil. A ideia foi de juntar. [Riso] Então ele fez aquela pesquisa lá no Maranhão, com esse grupo, e eu topei a participação do Alfredo porque havia essa ideia na Fundação Ford que era bom juntar ativistas, acadêmicos e tal, na ideia de... Porque a ideia da coisa era de mapear essas... As coisas. Eu como tinha feito pesquisa no Cafundó, lá em São Paulo, eu estava muito interessado nessa questão pessoalmente. Então, parecia uma ideia boa, interessante, a mistura de ativismo e... Mas, segundo Alfredo, aquilo foi o ovo de serpente. Perdão. Eu diria. Porque este foi o início de tudo que veio depois e que vai, depois da Constituição de 88, vai virar quilombo. Mas claro que não estava escrito quilombo na época. Pelo contrário. Mas é essa aqui que vai dar origem... Não que a Fundação Ford é responsável, mas ela financiou, pelo menos, esse pedacinho. Por isso que é muito importante essa...

L.L. – Pois é. Isso é interessante. Porque eu estava olhando... Eu vinha entrevistar você, falei: “Deixa olhar aqui o que tem”. Então, possivelmente, não localizei no nome de uma ONG lá.

P.F. – É. É no nome de direitos humanos. Você vai achar. E é Maranhão, se tem.

L.L. – Vou procurar isto. Por que eu estaria...

P.F. – Ah. E tinha outra também, que a gente financiou. Foi lá em Belém do Pará? Não. Eu ia a Belém. Não! E também a gente fez mais uma, que é uma doação pequena, que juntava todas as associações negras do Brasil. Lá em... Onde é que foi? Lá em cima.

L.L. – Tem uma coisa... Brazil network.

P.F. – Talvez... Não. Não, não. Porque tinha um problema. Por quê? Tinha um problema grave para a gente. Havia, pipocando no Brasil, vários movimentos, e cada movimento queria alguma coisa. Eu achava que a gente não deveria financiar movimentos. Eu achava. Mas que a gente poderia financiar uma reunião de movimentos, para eles se encontrarem, discutirem. Entendeu? Foi assim. Foi uma saída que eu achei para não ficar alienado de tudo, mas não, diretamente, imiscuído na política do dia-a-dia. Mas enfim.

H.A. – E aí, na racial, foi lá para cima, foi no Nordeste, no Norte.

P.F. – Foi para o Nordeste, foi. Eles fizeram uma reunião lá. Mas não era do Nordeste, era do Brasil inteiro. Mas foi lá que fizeram. Desculpe, mas eu não lembro.

H.A. – A gente acha.

L.L. – É. Porque aí a gente já tem uma... Senão fica perdido em tanta informação ali, não sabe. Aí o laboratório no IFCS¹⁵ começa a funcionar. Você ainda estava na Ford?

P.F. – Estava. Estava.

L.L. – Porque ali é treinamento de estudantes negros, não era?

P.F. – Não. Era uma coisa muito mais disfarçada. Era uma... Não, não era. [Riso] Uma das coisas que a gente tinha percebido olhando para as universidades, que era mais ou menos o óbvio, que, primeiro lugar, as universidades públicas, não havia muita gente pobre nelas e muito menos pretos, e segundo, as pessoas mais pobres tendiam a não se formar. Quer dizer que havia esse... Isso da minha experiência em Campinas. Tanto é que, lá em Campinas, a gente tinha inventado de fazer pesquisa junto com os alunos, para tentar superar os problemas familiares, dificuldade de escrever, etc. e tal. Bom. E quando veio esse projeto do IFCS, achei: “Puxa vida, que boa ideia”. Essa é uma boa ideia. Porque a ideia era de... Tinha bolsinhas... Numa época antes das iniciações científicas do CNPq¹⁶. Então havia essa ideia de botar o

¹⁵ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

¹⁶ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

peçoal menos... É, o peçoal mais pobre e preto, escura, menos claro... Eu tento evitar essas palavras agora. Para seguir a universidade. Foi assim. E eu achei que era um projeto lindo. E deu no que deu. De fato, teve um certo efeito. Produziu, pelo menos, uma professora, agora, da Universidade de Califórnia, que veio da Cidade de Deus, a Denise. E a Márcia Lima, que foi para a USP. Quer dizer que teve uma certa... Um certo. Mas era essa a ideia. Porque eu como Fundação Ford, eu tinha que casar educação superior, educação em geral com a questão da desigualdade. Para eles era diversidade, para mim era desigualdade. Então eu achava que esse projeto cabia dentro das diretrizes da Fundação. Porque quando você trabalha numa organização é ela que define as linhas gerais, e você tem que achar argumentos que... E projetos que cabem dentro dessas linhas. Então eu achei que poderia funcionar assim. Depois, aproveitei, fui lá trabalhar. (risos)

L.L. – Outra coisa. A Fúlvia também falava que tinha uma associação, uma parceria com a Fundação Carlos Chagas, que também tinham feito um diagnóstico da situação dos negros em São Paulo, uma situação de desigualdade. Eu não me lembro. Mas que você juntou isso dentro da, da... Porque ela também falava numa publicação da BIB¹⁷, sobre escravidão, sobre abolição, que também teria sido importante.

P.F. – Eu estou tentando lembrar. A Carlos Chagas, a relação da Carlos Chagas com a Fundação começa com a questão feminista. E a Carlos Chagas foi fundamental como aliada da Fundação Ford. E fez um trabalho esplêndido, na minha opinião. E uma das coisas que fez era de... Havia um concurso para mestrado e doutorado, que a Carlos Chagas administrava mas financiada pela Fundação Ford. Então a gente pensou em fazer uma coisa semelhante para estudo sobre as questões raciais. Porque... Mas agora não lembro se foi a Carlos Chagas que fez ou se foi através do Centro de Estudos Afro-asiáticos. Aí que não me lembro. Mas certamente foi aventada. E a discussão com a Carlos Chagas teria sido nesse sentido, exatamente no sentido de reproduzir uma experiência muito bem sucedida em relação aos estudos da mulher no Brasil. Provavelmente é isso. Porque foi nessa que conheci a... Bom. Já conhecera a Fúlvia antes.

¹⁷ Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais

H.A. – Nessa questão racial, Peter, acho que a coisa caminhou ao longo dos anos, e a Ford, hoje em dia e nessa última década, tem uma ligação forte com essa questão da ação afirmativa.

P.F. – Totalmente.

H.A. – Eu queria que você falasse um pouco sobre isso.

P.F. – Não quero falar muito. Quando isso começa de fato, logo depois, eu saio daqui, estou na África. E quando cheguei na África, para viver num país racista mesmo, chama-se Zimbábue, aí olhei Brasil já de outra maneira. E começou um projeto, que foi o coqueluche do Carlos Hasenbalg, que era de mandar intelectuais negros para fazer doutorado nos Estados Unidos. Eu quando soube desse projeto, eu escrevi para a Fundação dizendo: não façam isso. Por duas razões. Uma, que já tem dinheiro do CNPq, da Capes¹⁸ para financiar qualquer bom projeto. Ou seja, é chovendo no molhado, gastando dinheiro à toa. E dois, esse pessoal, provavelmente, não voltará. Que dizer que se a ideia é de erguer a coisa no Brasil, melhor fazer no Brasil. Fui voto vencido. Mas esse foi o primeiro. E de fato sumiram todos. E houve, mesmo nessa época, desgaste, porque um dos candidatos foi eliminado por não ser negro. Não vou dizer quem é. Mas como conheço... Hoje em dia é um dos mais cotistas que eu conheço. Interessante, não é?

H.A. – Interessante.

P.F. – Mas eu fiquei muito assustado com isso. Muito. E nessa época eu achava que não, o Brasil tem problema como qualquer país tem. Não é como qualquer país que tem esse problema, é outra coisa. Por que as pessoas não podem usar um pouco a inteligência e evitar este caminho específico? Mas como te disse, eu fui voto vencido. E depois... Bom. Edward Telles, depois vem aquela Ana [Toni]...

H.A. – Ana Toni,

¹⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

P.F. – Ana Toni, o pessoal do Rio Grande do Sul, tudo branquíssimo. Mas vieram as senhoras do Rio Grande do Sul. Aí começa a ficar muito, muito evidente que... Eu chamaria de interferência política mesmo, trazendo advogados dos Estados Unidos para ensinar as pessoas como fazer essa... Como se defender na Justiça. Eu achei isso beirando a ingerência mesmo, nos assuntos brasileiros, locais mesmo. Mas... Eu não estou falando com vocês, eu já falei com os amigos disso. Eu fiquei muito, muito triste com isso. Muito mesmo. Eu achava que não é o papel dos americanos ensinar esse tipo de coisa para ninguém. Eles têm um recorde muito, muito negativo, indiferente, sobretudo. E digo mais. Toda tendência no mundo contemporâneo, até nos Estados Unidos, é de questionar as diferenças. Quer dizer que os intelectuais que a gente respeita lá, Anthony Appiah e companhia, são contra, são contra o próprio sistema de classificação. Então, por que cargas d'água o Brasil deveria estar ultrapassado na sua ação desde o início? Como importar uma tecnologia caduca, me parecia. Eu fiquei triste pelo Brasil. Aí eu fiquei uma espécie de nacionalistas às avessas, porque não sou brasileiro nato, e me acusaram de Gilberto Freyre e coisa. Depois, eu pensei: “Bom, assim seja”. O nome é parecido. Por que não? Agora veio as acusações de racista e tal. Aí ficou difícil, difícil, difícil. Sobretudo porque não era restrito aos ativistas negros, mas algumas pessoas que devem saber melhor, dentro das universidades brasileiras. Jovens antropólogos, por exemplo. Aí eu aprendi que a antropologia não é absolutamente isenta da maldade. [Riso] Já sabia. Mas eu vi e senti. É suficiente? [Risos]

H.A. – Você citou sua experiência na África. Acho que a gente podia falar um pouco.

P.F. – Não. Essa experiência da África foi incrível.

H.A. – É. Sobretudo na fase da Fundação Ford.

L.L. – É, como Fundação Ford.

P.F. – Não, não. Porque eu voltei para a África. Já tinha feito a minha pesquisa lá, muitos anos antes. E eu fui muito otimista, muito entusiasta e tal. E esse... *By the way*. Este emprego eu me candidatei. Segui todas as...

L.L. – Protocolos.

P.F. – Protocolos. Mas eu tinha uma certa vantagem porque me conheciam. E também falava tsuana, falava português e falava inglês. Quer dizer que eu tinha certos... Tinha qualidades. Eu fui muito otimista para lá, muito, muito otimista. Mas eu percebi que para os sanchões, *tout la même chose*, que tinha um governo tão autocrata quanto dos brancos, que a situação racial não tinha mudado quase nada, que os únicos contatos entre negros e brancos era no lugar de trabalho, o *business land*. Tinha esse tipo de coisa. A mesma antipatia continuava, mais do lado do governo negro de que do povo em geral, com certeza. E achei os brancos que lá sobreviveram, os que ficaram, razoavelmente inteligentes como pessoas. Eu vi que eles, de fato, tinham feito um esforço enorme de serem aceitos. Abrindo escolas, melhorando as condições de trabalho dos operários, esse tipo de coisa. Quer dizer que eles estavam fazendo um esforço danado, e não era uma situação recíproca. E o mundo da política era absolutamente fétido, fétido, horrível, mau-cheiro tudo. Então isso, mais uma vez, me chamou a atenção à questão racial. Porque eu pensei: “Bom. A razão disso é porque esse país foi fundado na segregação racial, como a África do Sul. Não há muita diferença. A África do Sul também periga, por essa mesma razão, da desconfiança nutrida por ambição, hipocrisia, etc”. Bom. Então eu... era mais uma coisa que me fez olhar para o Brasil de outra maneira. E eu escrevi um artigo. O Carlos Hasenbalg me pediu, eu fiz, que deu origem a várias coisas que eu andei escrevendo, porque foi assim que eu fui chamado de Gilberto Freyre. Porque eu percebi que ele tinha razão numa coisa importantíssima. Que os portugueses dominaram através da sedução, além... Não. Eram chicotes e... Como se diz? Sopros e... Morde e sopra.

L.L. – Morde e assopra.

P.F. – É, era assim. Havia muita mordida, trabalho forçado, escravidão, o diabo, estupro, mas também havia sopros o tempo todo. E ele tinha razão. E ele tinha razão, sobretudo, na filiação dos filhos de brancos e negros. Quer dizer, a ideia de que assim que você programava uma língua, uma cultura. Assim que a língua portuguesa na África se espalhou, e o gosto pela batata frita, pelo bife, vinho, esse tipo de coisa. Aí eu percebi que ele tinha razão sim. Os resultados eram distintos. Mesmo em Moçambique. Foi dramático para mim. Eu cheguei em

Maputo, me senti no Brasil. Não é Brasil. Mas tem coisa em comum. Eu ia numa peça de Molière e tinha brancos, pretos e mulatos. Era a elite de Maputo, com a mesma educação, a mesma cultura. Que no Zimbábue era impossível. Você ia numa peça de Shakespeare, talvez uma pessoa escura, talvez. Você ia num concerto de rock africano, não tem nenhum branco, sabe? Aí me dei conta que tinha alguma coisa na história, por mais terrível que tenha sido, que tinha que ser aproveitado, e não jogado para o lixo. Foi assim. E Zimbábue, de fato, foi de mal a pior. Tanto é que eu saí... Quando virou homofóbico mesmo, aí falei: “Ah, não vou ficar mais, não”. Já vivi até o meu décimo sexto ano num país que condenava homossexuais a trabalho forçado por dois anos. Aí pensei: “Ah, não. Chega”. Aí voltei para o Brasil.

H.A. – Você chegou a ficar quatro anos?

P.F. – Quatro anos, é.

H.A. – Quatro anos. Mas já foi bastante coisa.

P.F. – Foi bastante coisa. Não. Eu assinei um contrato de quatro anos.

L.L. – Mais uma coisa. Aí estou me lembrando de uma fala da Denise Dora. Essa questão racial, aqui também, a ação afirmativa pegou fogo aqui no Brasil. E em certo momento a Denise Dora diz assim: “A Ford resolveu ter uma posição mais discreta”. Em que sentido?

P.F. – Ah! Eu vi isso em algum lugar, dizendo: “Até deram dinheiro para o Peter”. Não foi isso que ela falou?

L.L. – É.

P.F. – Ai. Eu sabia que eles iam dizer isso! Por isso que eu pedi dinheiro. Porque eu quis ajudar eles. Sim. Eu sabia que eles tinham que me dar. Sabia.

H.A. – Mas espera aí. Vamos explicar aqui, para ficar tudo direitinho no vídeo.

L.L. – Ela está querendo argumentar que a Ford não tinha uma só posição.

P.F. – Hum... Claro que tinha.

L.L. – Tinha uma posição em geral. Como exemplo disso, a pluralidade do portfólio dela, a Ford, que fez a doação ao projeto Observa, da UFRJ e da UFB¹⁹, com coordenação de Yvonne Maggie e Peter Fry.

P.F. – Não. Mas eu te disse. Eu disse para a Yvonne [Maggie], vamos conseguir dinheiro da Fundação, porque ela vai ter vergonha de dizer não, porque ela tem que manter o seu perfil de liberdade de expressão. Ela não vai poder nos recusar. Quer dizer que eu sabia que eles iam precisar da gente. E nós éramos os únicos críticos. E não éramos críticos porque era... Ah! Imagina. Imagina. Estava lá o, o... Ai. Os nomes me escapam cada vez mais. Alfredo... Não.

L.L. – Antonio.

P.F. – Antonio Alfredo Guimarães, por exemplo. Conhecido...

L.L. – Antonio Sérgio.

P.F. – Antonio Sérgio Guimarães. Alfredo Antonio... Tem Alfredo no meio. Ele, da USP, é muito amigo meu. A posição dele não é a minha posição. Vivemos muito bem, obrigado, porque cada um respeita o outro. E ele teve um dinheiro da Fundação Ford para ajudar alunos negros, na USP. Chama-se... Tem um nome qualquer. Não sei. Então era ele, o pessoal da Bahia, o Lívio, o...

L.L. – Lívio Sansone.

P.F. – Não, ele não estava no projeto, não. O... Ah! O chefe do Centro de Estudos Afro-orientais na época. É... É problema, que é muito amigo. Mas, enfim, ele. Quer dizer que era um

¹⁹ Universidade Federal da Bahia

bando de gente, que tinha vários pontos de vista. Eu achava que era interessante tentar seguir esse processo, apenas. E não pude continuar porque as diferenças internas eram grande demais para poder continuar.

L.L. – Quer dizer, isso que você está falando era o objetivo desse projeto Observa.

P.F. – É. É. A ideia é de seguir o processo. E como eu sou crente, mesmo, da possibilidade da convivência de pessoas que têm opiniões distintas, nós conseguimos juntar pessoas de posições distintas. E eu sabia que eles iam aprovar, por essa razão, e eu sabia que eles iam aproveitar. Mas era o único. Pode ver. Tudo que eles fizeram... Você tem tudo? Os advogados que vieram, os deputados?

L.L. – Não, não tenho isso.

P.F. – Ah... Sim. Um monte de coisa. Imagina. E tudo tramado com o consulado americano aqui, no Rio de Janeiro. (riso) Não sei. Estou exagerando. Você... Tudo que você vai colocar por escrito você vai me dar para dar uma olhada, não vai? Porque estou falando muito francamente para você, aqui.

L.L. – Não. Depois você vai ser listado, a lista...

P.F. – É. Lista, que cor? [Risos]

L.L. – Não. Mas eu acho isso interessante.

P.F. – A Fundação Ford virou... Classicamente, ela tomou posição, fez tudo que pude para avançar essa coisa aqui. Isso está claro, inclusive, nos relatórios anuais que eles fazem.

H.A. – Sim, é verdade.

P.F. – Não há dúvida. Não há dúvida. Tanto é que nunca mais fui convidado para nenhum vinho, nem nada. Talvez mude agora, porque... Interessante, porque a atual representante da

Fundação, eu gosto muito, apesar de termos posições distintas sobre essa questão. E ela gosta de mim. Só para ver que é possível a civilidade, de fato, é possível.

H.A. – Peter, vamos concluir. Acho que esses caminhos da Ford, toda essa tua fala, do momento que você estava até essa sua avaliação do que aconteceu depois, eu queria que você fizesse uma conclusão mesmo, pensar o caminho da Ford no Brasil nesses cinquenta anos. Você participou aí de um período pequeno nos anos 80, mas que foi muito marcante, nos anos 80 e 90, contando também com a África. Queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

P.F. – Não. É difícil, porque eu, de fato, não acompanho, não sei o que está acontecendo. Sei apenas, até dois ou três anos atrás, o que eles faziam nesse campo da... Eu levantei esses dados, a quantidade de dinheiro que eles gastaram. Eu tenho esses dados. Eu posso te dar.

H.A. – Por favor.

P.F. – É muito dinheiro. São milhões, milhões, em pouco tempo, 2001, 2, 3. Muito dinheiro. Bom. Vocês sabem que discordo com essa política, mas têm direito de fazer porque eles são uma organização privada. Isso quer dizer que eu não posso, não tenho nem voz nem representação para falar. É uma opinião que eu tenho. A Fundação Ford mudou muito, muito, muito, na década de 80 mesmo, porque foi Franklin Thomas que mudou a Fundação Ford. A Fundação deixou de ser uma organização tão voltada para a elite intelectual de todos os países e começou a ser mais ativa no fazer da política mais micro, que veio com o microcrédito, esse tipo de coisa. Então com coisas acontecendo na Índia, Bangladesh e companhia, veio para cá e tal. E isso é uma mudança muito significativa, eu acho. Na época em que eu estive na Fundação Ford, havia essa ideia de que era possível... Ah. No início, a ideia, no início, era... É sempre a mesma ideia, de fato. Como que é possível gastar o dinheiro de tal maneira que os objetivos dessa instituição são mais bem alcançados, não é isso? Quer dizer que a ideia até a década de 80 – penso, posso estar enganado – é coisa de pesquisa, a ideia era de que é mais interessante gastar dinheiro na elite pensante e produtora de ideias e tal, essa que vai dar mais lucro para a sociedade como um todo. Acho que foi essa a ideia. Que explica Cebrap, que explica um monte de coisa. Que é um ponto de vista aceitável, elitista com certeza, mas reconhece que... Como funciona uma sociedade. A partir daí você tem essa ênfase sobre a diversidade, a desigualdade

e o ativismo já de baixo para cima. *Grassroot*, que eles chamam. E isso começa na década de 80, acho, através das organizações norte-americanas; depois, pelo mundo inteiro. E coincide, no Brasil, com a abertura política, etc. e tal. Quer dizer que é uma nova versão de democracia, que a Fundação está envolvida. Eu estava naquela fase de transição, eu penso. E, naquela fase de transição, era possível vislumbrar essas duas coisas acontecendo, não em paralelo, mas juntos. Então, de fato... Então a ABIA tinha pesquisa, Carlos Chagas tinha relação, e havia essa ideia, que era assim que se mais lucrava, por assim dizer, que o dinheiro ia mais longe, com efeitos mais tangíveis. Se a ideia, no fundo, sendo norte-americano liberal, é de fecundar a noção democrata de respeito aos direitos humanos, que no fundo é isso, que eu achei absolutamente respeitável. Ainda acho. Agora... Mas eu não posso falar sobre o presente porque não sei o que está acontecendo. Mas eu vou dar uma ideia. As fundações competem entre si, competem entre si para a fama, prestígio. A Fundação Ford compete com Rockefeller, Kellogg e tal. Eles competem pelas melhores ideias, no fundo. Então, você tem que entender a Fundação Ford na sua relação com as demais organizações. E também há uma certa divisão de trabalho. Então Rockefeller, por exemplo, podia apoiar pesquisa básica nas ciências, quando a Fundação Ford não podia. Coisa do gênero. Às vezes, eles repartem um pouco. Eu suspeito que... Não sei se vai ser a Fundação Ford que vai perceber, mas alguém vai perceber que esse discurso de diversidade tem um defeito, porque ele produz mais dissenso do que consenso. E alguma fundação vai perceber e vai começar a financiar a junção das peças, e não a sua separação. Porque eu vejo isso acontecendo no mundo inteiro. Israel, por exemplo. Acabei de voltar de Israel. É assustador. É assustador na diversidade, insuportável, inviável. Alguma coisa tem que acontecer. Não apenas judeus e palestinos, não. Dentro de Israel, os próprios judeus são divididíssimos entre si. A Inglaterra, por exemplo, o chefe do *Race Relations Bureau*, que é um... Família de origem caribenha, disse assim: “Nós estamos sonambulando para um mundo de segregação”. Ou seja, ao insistir nas diferenças, nós estamos produzindo segregação. Não sei qual é a solução. Mas eu achava que uma fundação muito esperta perceberia que é essa tendência, e a tendência é de reduzir a ênfase sobre a diferença e de pensar nas regras gerais da convivência. Agora isso, atualmente, vem da direita. Esse que é o problema. Esse que é o problema. Porque é o [Nicolas] Sarkozy, é... Até os conservadores, na Inglaterra. Mas esse cara que falou na Inglaterra não é conservador, é do Partido Trabalhista. É tudo muito difícil. Mas tende a vir da direita. Porque a direita prefere pensar nos cidadãos como átomos, não é isso? É,

é complicado. Mas eu acho que algum vai... Alguém vai fazer isso. E que toda essa política de divisão vai caducar. Vai caducar.

L.L. – Muito obrigada. Ficamos com uma ideia bastante completa do quadro.

P.F. – Bom. Eu tentei me defender, evidentemente. [Risos] Eu tentei. Cada qual defende o que faz.

[FINAL DA 1º ENTREVISTA]

2º entrevista: 21/03/2012

L.O. – Peter, uma coisa que eu gostaria que você talvez falasse um pouquinho antes que é como foi a sua chegada e a sua experiência... Eu diria assim, como é que o africanista Peter Fry chegou na Unicamp²⁰?

P.F. – Unicamp?

L.O. – Um pouquinho da Unicamp antes de você vir para o Rio.

P.R. – Está bom, eu cheguei na Unicamp em 1970 contratado pelo cônsul do Brasil em Londres, Ovídio de Mello. Cônsul famosíssimo, porque ele teria sido responsável, durante o governo militar, pelo reconhecimento do governo de Angola. Eu não sabia disso na época. Ele me entrevistou, mostrou a planta baixa da Unicamp e me apresentou ao Antônio Augusto Arantes Neto que estava em Cambridge na época, a Verena Stolcke que estava terminando o seu doutorado em Oxford. E nós três gostamos uns dos outros. Então eu me interessei. Por algum milagre sai um contrato em uma carta do cônsul e vim para o Brasil. Mas era uma aventura para mim, porque eu tinha estado na Inglaterra depois da minha pesquisa na então Rodésia do

²⁰ Universidade Estadual de Campinas

Sul. E eu não pude voltar para Rodésia do Sul por conta do governo racista branco de lá. Então fiquei, assim, em uma situação muito estranha, porque estava em Londres escrevendo sobre uma realidade muito distante com a qual não podia ter muito contato. E quando tentei contato com os exilados em Londres, eu vi que era um campo minado porque como qualquer governo em exílio o grau de insegurança é muito alto. Então: “um antropólogo branco, o que ele quer conosco e tal?”. Eu vi que não tinha jeito mesmo. Eu vim para o Brasil um pouco para escapar da Inglaterra porque aquela minha passagem pela África me deixou... Eu gostei muito de estar fora da Inglaterra. Bom, mas essa é uma longa história que não vale a pena contar aqui. Eu cheguei na Unicamp de fato não por nenhum projeto brasileiro, mas por um projeto anti-inglês. Eu imaginei o Brasil, como já falava um pouco de português, uma mistura de África e Portugal. Já foi essa a minha imaginação. E tinha visto, como todo mundo da minha geração, *Orfeu Negro*. Então, eram esses...

L.O. – E a mãe de Obama também... [riso]

P.F. – Não só, muita gente. E descobri com Caetano que esse filme era odiado pela intelectualidade brasileira, não é interessante? Cheguei e logo pensei em um projeto de pesquisa. Por causa da minha tese sobre possessão de entes passados e política, eu não tive dificuldade de entrar no campo da Umbanda e do Candomblé. Tive que ler literatura brasileira, isso sim. Mas a literatura, em geral, sobre possessão já tinha. Eu imaginei o Brasil a partir da África. Então eu pensei: “Umbanda e Candomblé certamente são centros de resistência contra o racismo e etc., etc. e etc.”. E essa foi a primeira grande lição do Brasil, porque eu vi que não era exatamente assim e nos terreiros de Umbanda lá em Campinas que eu visitava e frequentava, lá de São Paulo, e mesmo no Candomblé da Bahia não era esse o sentimento dominante que eu vi. E além de que havia pessoas de todas as cores no Candomblé e também na Umbanda. Eu vi, de fato, uma espécie de celebração de um Brasil mais arcaico, do Brasil da hierarquia, das relações de poder na base da troca e do favor. E lendo Roberto Schwarz na época, *Ao vencedor as Batatas*, essas coisas do Roberto Schwarz, *pari passu*, era o que eu via no Candomblé. Quer dizer que a relação entre os que vão ao terreiro que os espíritos é muito parecida com a relação com os políticos e essa dependência de nós em relações pessoais. E o sistema de mediação entre Deus – absolutamente longe, distante – pelos espíritos é notável, como é, aliás, no catolicismo tradicional. Então é uma religião, de fato, muito acomodada. Eu

não vi nada desse tipo de coisa. Isso vem bem mais tarde com tal de consciência de cor e tal, de raça da década de 80 do século passado. Mas nessa época não. Apenas, de fato, nas entrelinhas do Bastide, por exemplo, que achava que a Umbanda era uma deturpação, degradação, que a o Candomblé era uma... Ele tinha essa ideia. Então essa foi uma grande lição e a outra lição aclopada a isso foi que eu estava em um país onde todo mundo falava a mesma língua. Perdão... Não, eu não visitei as áreas indígenas, mas o país em geral todo mundo falava português. Eu fiquei espantado. Eu podia viajar de Campinas a Belém com a mesma língua e sem nenhuma dificuldade de compreensão. Diferença de sotaques talvez, mas não grandes diferenças – o que me colocou em uma situação engraçada porque eu percebi mais tarde que isso era devido a políticas públicas de Getúlio, sobretudo, da homogeneização, da tentativa de fazer a língua portuguesa vencer em todos os cantos no Brasil. Na época, acusava-se a Rede Globo, mas era muito anterior a isso. Então toda essa discussão sobre diversidade no Brasil me atira, porque de fato, por mais diversa que seja a união, ela também tem um fundo comum que é a língua e todos os sentidos, valores que vão de Oiapoque ao Chuí. Então foi essa descoberta, e nessa descoberta eu percebi também que isso se aplicava tanto a pessoa de cor escura quanto de cor clara e que mesmo com todas as diferenças... O que mais me chamou a atenção era a diferença de renda e de riqueza ser mais ou menos de acordo com as cores das peles. Isso era óbvio. Era chocante e ao mesmo tempo não havia segregação. Isso eu relacionei a outras coisas interessantíssimas que eu... Lá na África, os antepassados africanos eram africanos. E os antepassados dos brancos eram brancos. Aqui não, todo mundo compartilhava os mesmo antepassados. Era um monte de gente fazendo presente para a Iemanjá na praia de Copacabana de todas as cores. Isso me chamou muito a atenção. Eu percebi também que o sistema de exclusão racial não era legalizado, era um sistema compartilhado e talvez nem percebido pela maioria das pessoas. Era uma espécie de exclusão por tradição, de hábito. Me entristeceu muito, mas ao mesmo tempo eu percebi que não havia o mesmo tipo de segregação que havia, formal, na África Austral e nos Estados Unidos da América. Então essa foi a descoberta.

L.O. – Eu lembrei de perguntar. Essa sua passagem por Campinas... Só me lembrar... Porque outro dia nós estávamos entrevistando o Rubem César Fernandes e ele falou: “Não, lá em Campinas tínhamos um grupo, quem que frequentava...” [a instituição, vamos dizer assim, antes de existir o Iset – Instituto Superior de Estudos Teológicos –] “o Peter [Fry] também

andava por lá”. Douglas Teixeira que era da USP²¹, não sei o quê, não sei o quê, eram os estudiosos sobre a questão religiosa.

P.F. – E era tudo dominado pelos protestantes, não é? O próprio Rubem [César Fernandes]. Isso é verdade.

L.O. – Isso era um grupo, assim...

P.F. – Era um grupo ótimo. Douglas era de São Paulo, o Rubem era de Campinas.

L.O. – Rubem Alves...

P.F. – Rubem Alves, é verdade.

L.O. – E aí ele mencionou o seu nome. Por isso que eu falei: “Ah, vou perguntar um pouco mais sua vida em Campinas”. Nessa época, em Campinas, você chegou a ter alguma doação da Ford ou não?

P.F. – Não. Nós conhecíamos o pessoal da Fundação. O Shepard Forman veio falar conosco lá em Campinas. Eu fiquei reticente de pedir porque eu achava que nós éramos muito imaturos para pedir qualquer coisa naquela época. Aliás, é uma característica minha ao longo dos anos. Eu destoava com a maneira pela qual as coisas são feitas de fato aqui. Eu achava que tinha que atingir um grau de maturidade para poder financiar. Quando se pensou em fazer uma pós-graduação em Antropologia na Unicamp, nós tínhamos apenas começado a fazer graduação e eu disse: “Meu Deus, não é possível, nós somos apenas dois, três professores, como vamos embarcar em um projeto tão sério”. “Ah, professor, você não percebeu? Aqui no Brasil primeiro a gente constrói a pista de pouso e depois descem os aviões”. E assim foi, e assim se deu. Nós abrimos um mestrado, mas sem nenhum cabedal. Nós éramos todos novos, trinta e poucos anos de idade sem nenhuma experiência. Bom, então, por isso que eu me excluí dessas

²¹ Universidade de São Paulo

conversas, eu achei que não tinha cacife para entrar nesse tipo de coisa. Mas eu conheci o Shepard [Forman], eu acho que a Unicamp, mesmo naquela época, conseguiram algum recurso.

L.O. – Então isso esclarecido, a gente vai falar: como é que você se aproximou da Fundação Ford já no Rio, não é?

P.F. – Eu já tinha me aproximado antes, porque em uma das vezes... Eu tinha me aproximado em coisa de amizade. O Michael Turner, que trabalhava na Fundação – não sei exatamente os anos, teria que verificar isso – se tornou amigo. O Michael [Turner] era uma pessoa muito especial... Aliás, continua sendo uma pessoa muito especial. Ele estudou em um dos colégios públicos mais importante de Nova Iorque, [INAUDÍVEL], uma pessoa muito erudita – historiador – que tinha uma tese sobre os negros brasileiros que retornaram à África Ocidental. O primeiro a escrever sobre essa questão. Então ficamos muito amigos. Também fiquei muito amigo do Bruce Bushey que era um jovem *program officer* antes disso. Então, quando eu vim para o Rio, eu encontrava com os dois. Através deles eu também conheci o então vice-presidente, Bill Carmichael que de vez em quando visitava. Então ficamos amigos. A minha entrada para trabalhar ocorre em 85, em 83 eu saí da Unicamp para dar aula no Museu Nacional, no PPGAS²² do Museu Nacional, como professor visitante. Era um contrato de dois anos, então pedi afastamento lá em Campinas. Eu adorei o Rio de Janeiro, fiquei apaixonado pelo Rio de Janeiro. E com essa paixão pelo Rio de Janeiro, Campinas parecia ainda pior do que eu tinha experimentado. Parecia um lugar sem alma, simplesmente uma classe média universal que consome, consome, consome e mais nada. Porque a universidade teve pouco efeito sobre a cidade. A grande parte, penso, que a maior dos professores morava em São Paulo. Eu não, não é? Então, quis porque quis ficar no Rio de Janeiro. Não sabia se ia aparecer uma vaga para concorrer na universidade e coincidiu que nesse ano o Bruce Bushey veio para ser representante da Fundação Ford no Rio de Janeiro. Então, ele me procurou e fui lá falar com ele. E ele, como qualquer representante, foi lá conversando com os velhos amigos para saber como era o Brasil, o que tinha que ser feito, etc., etc. Então ficamos conversando muito sobre isso e era uma conversa muito interessante. E o escritório estava desfalcado, tinha quase ninguém. O Michael tinha voltado para os Estados Unidos, acho que o Bruce [Bushey] estava quase sozinho...

²² Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Estava sozinho eu acho. Então me pediu: “Pelo amor de Deus, me ajuda porque é um trabalho infernal”. Aí eu fui lá ajudar mais na redação de texto, copidesque, esses tipos de coisa. Lá eu comecei a aprender um pouco como funciona o sistema de doações da Fundação. Aí, na medida em que o tempo foi indo, gostaram do trabalho pelo jeito. Quando terminou o meu contrato no Museu, me convidaram para trabalhar no escritório do Rio de Janeiro. Eu aceitei de muito bom grado porque o que eu vi naquele escritório era o que eu achava que tinha que ser a universidade: coisa que funcionava, com informação imediatamente disponível. Isso era um pouco antes do email, email começa nessa época. Mas a gente: “Eu quero o artigo tal”. Na semana seguinte, no *pouch*, porque a Fundação tinha um *courier* que vinha toda semana, vinha o artigo, vinha o livro. Tudo o que eu precisava era assim. Uma secretária que secretariava. Funcionários que funcionavam. [risos] Um paraíso, um paraíso... Não é? Era óbvio para mim que todo o Brasil poderia funcionar assim, se quisesse. Um paraíso. Esse lugar eu gosto, gostei mesmo. Outra coisa que eu gostei mesmo era que eu exigia textos relativamente curtos, ao ponto, e claros, então era outro tipo de escrita que eu achei muito interessante. Outro tipo de escrita que...

L.O. – Um desafio, não é?

P.F. – Um desafio para mim. E era de certa maneira mais fácil uma vez entrando, porque não precisava de nota de rodapé, não precisava de bibliografia. Eram argumentos no fundo. Então eu gostei muitos e fiquei muito feliz quando me convidaram para trabalhar e fui com afinco. Logo em seguida o Bruce ficou doente, ficou indo e vindo, mas cada vez mais em Nova Iorque, cada vez mais doente. E foram contratados dois *program officers* novos: Steven Sanderson, sociólogo... Eu acho que ele era uma mistura de economista e sociólogo, mas especializado em economia rural. E Katherine [Sue] Burns, uma jovem americana no período entre mestrado e doutorado. Então eram pessoas jovens como eu. Eu era um pouco mais velho, de fato.

H.A. – A Katherine [Sue Burns] era *program officer* de que área?

P.F. – Eu acho que foi direitos humanos provavelmente. Educação... O Steven [Sanderson] era o único com uma área claramente devida que era a questão do desenvolvimento rural. Foi ele, então, que vai conhecer Chico Mendes, que vai colocar a Fundação a apoiar os projetos de

desenvolvimento sustentável na Amazônia. Só para vocês terem uma ideia, é nesse momento que a frase *Desenvolvimento Sustentável* se inventa. Eu nunca tinha ouvido falar nessa frase. São outras palavras que aparecem, *empowerment* por exemplo. Então é uma fase muito interessante na reconfiguração, penso, do mundo desenvolvimentista.

L.O. – Esse Steven Sanderson que foi a figura dessa... Isso é muito interessante, porque...

P.F. – Steven é uma pessoa interessantíssima, se tivessem a oportunidade de conversar com ele... Uma pessoa interessantíssima, uma das pessoas mais queridas, amigos que eu perdi contato: a mulher dele e os filhos. Ambos são muito engraçados. Jackson, no sul dos Estados Unidos, cultivavam o sotaque sulista um pouco. Chamavam a filha que nasceu aqui de April Ann. A Katherine também, jovem entusiasta, também muito, muito inteligente. Então, nós três tínhamos uma responsabilidade que normalmente não teríamos, porque não havia nenhuma pessoa da Fundação nos controlando. Nós tínhamos que imaginar um projeto para a Fundação Ford no Brasil e vender esse projeto para Nova Iorque. E foi cada qual na sua área, mas discutimos todos os projetos juntos e tomamos decisões juntos, porque ninguém tinha, de fato, autoridade para ser o voto definitivo.

L.O. – Mas aí você já era oficialmente o representante da Fundação Ford. Você funcionava com este grupo igualitário, vamos dizer assim.

P.F. – Sim, mas era bastante igualitário. Eu que assumi as coisas, assinei, mas era um esforço de nós três. Eu não me senti com segurança de fazer de outra maneira.

H.A. – É, foi uma situação excepcional por conta da doença do Bruce.

P.F. – Sim, mas também é um jeito meu. Eu prefiro trabalhar assim. Eu tentei fazer a mesma coisa com escritório, com menos sucesso. Escritório é uma instituição já hierárquica mesmo e as pessoas esperam decisões e mão-firme. Eu tentava ser mais consultivo, por assim dizer. Difícil. E na África foi mais difícil ainda. Eu não consegui.

L.O. – [riso] Me diga uma coisa, tinha diferença do pessoal aqui do escritório entre você ser brasileiro ou ser estrangeiro, norte-americano, no *staff* da Ford?

P.F. – Não, não. Eu acho que eu tinha uma posição relativamente privilegiada porque eu era inglês de nascimento e era brasileiro de nacionalidade, e morava aqui, tinha experiência de trabalhar no Brasil – o que me dava um pouco mais, talvez, de legitimidade. Se você olha para o passado da Fundação Ford, quase sempre eles empregaram pessoas com experiência acadêmica no Brasil: Shepard Forman fez a experiência dele aqui em Alagoas, não é? Antes do Bruce, – qual é o nome dele? – o economista... Inglês também... Sempre esqueço o nome dele. Mas ele também tinha feito pesquisa no Brasil. [INAUDÍVEL] que trabalhou na Fundação, economista. Quer dizer, havia uma tradição de acadêmicos interessados no Brasil, em trabalhar aqui. Quer dizer, não vi dificuldade nenhuma. Eles riam de mim às vezes por causa do sotaque fortíssimo. Eu acho que os americanos têm uma relação muito ambígua com os ingleses, porque por um lado tem uma certa nostalgia, uma espécie de saudade das suas próprias origens. Por outro lado, vê como antiquado e esquisito.

L.O. – Próximo da nossa relação com os portugueses. [riso]

P.F. – Muito, só que os ingleses não são fonte de piada.

L.O. – [risos] É isso aí. Uma outra coisa, a gente acompanhando isso. Quer dizer, essa sua atuação na Fundação Ford quer seja como membro da equipe, quer seja como o representante da equipe, você começa a fazer, vamos dizer assim, doações específicas, ter contatos ali naquele tempo. Você pode lembrar de decisões importantes? No caso até, como você era amigo do Bruce e toda a discussão de Aids que estava...

P.F. – É, essa foi a novidade. O Bruce era advogado por formação. Ele tinha estudado... E ele se interessava pelos direitos humanos. Esta é a época também de os direitos humanos se tornar bandeira. A declaração universal dos direitos do homem, que chamava, logo depois da Segunda Guerra. Mas é só depois dessa época, me parece, que surge como bandeira a ser perseguido em geral e a Fundação Ford estava lá muito envolvida nessa questão. Então, através do Bruce que eu comecei aprender. Vocês podem imaginar que o antropólogo sempre ficam um pé atrás com

qualquer coisa universal, não é? Ele está sempre nas diferenças. Eu me lembro de ter tido uma certa dificuldade de imaginar como que pudesse impor um direito sobre situações as vezes não acostumados a essa maneira de pensar. Mas isso todo mundo sabe. Então, a Fundação Ford já tinha um portfólio de doações em prol dos direitos humanos que o Bruce manejava. Era o Louis Ferdinand em Olinda, o Prince Burge aqui no Rio de Janeiro... Não consegui, um pouquinho antes dessa entrevista, descobrir o nome dessa organização. Ele não é mais vivo. Tinha um escritório no Leme, era uma espécie de direito alternativo. Muito interessante. E tinha outras organizações de direitos humanos que a Fundação apoiava. E também apoiava a Igreja Católica Pastoral das Favelas. Eu não sei se interessa falar sobre isso...

L.O. – Interessa.

P.F. – Então, esses eram grandes doações que se perpetuavam um pouco. A Fundação Ford tinha algumas organizações que vinham de relativa longa data e que ocupavam uma porção significativa do orçamento da Fundação e tinha outra parte do orçamento era para coisas novas. Uma das coisas mais difíceis que eu penso nas organizações, como a Fundação Ford, é que eles apóiam instituições através de projetos. As instituições se tornam dependentes da Fundação, mas a Fundação odeia criar dependência. Então ela apoia até certo ponto, depois ela tenta passar... É tudo muito complicado, mas todo mundo que trabalha na Fundação sabe disso. Então nós tínhamos essas relações de longa data e produzir novas... A relação com a Igreja Católica era muito interessante para mim porque era um projeto que procurava conseguir direitos de propriedade da terra para os favelados no Rio de Janeiro, e procurava também melhorias na arquitetura e planejamento urbano nas favelas do Rio de Janeiro. Isso através da Pastoral das Favelas da Igreja Católica. Era um projeto interessantíssimo. Eu tive muita sorte porque o meu mais próximo amigo, Eduardo Guimarães de Carvalho, advogado e arquiteto, trabalhava na Pastoral das Favelas. Então eu tive um acesso completamente distinto a esse projeto. E através dele que era uma pessoa muito fina, muito crítica e analítica, eu percebi todas as dificuldades, mas também entendi que era um projeto que realmente valeria a pena. Isso coincidiu com a chegada do Brizola como governador. E o projeto do Brizola era muito parecido, ele quis legalizar a propriedade das favelas etc e tal. Nesse momento que veio a renovação desse imenso, era uma doação bastante grande, para a Igreja Católica. Aí eu recebi a mensagem de que o arcebispo Dom Eugênio Sales não queria mais essa verba. Eu fiquei atônito. Quem

trabalha em fundações logo descobre que há muita gente querendo dinheiro e poucas pessoas recusando. E essa era a primeira vez que alguém tinha dito que não queria renovar. Aí eu solicitei uma entrevista com Dom Eugênio. Eu fiquei curioso. Dom Eugênio me recebeu em uma sala muito escura, ele muito escuro, de batina, sério. Eu fiquei... Ele me explicou que não precisava da Pastoral da Favela existir do jeito que estava, porque tudo o que a Pastoral queria fazer já estava sendo feito pelo Estado e que era desnecessário repetir o trabalho, e que a grande preocupação dele agora era a proselitização. Eu imagino, olhando agora, deve ter sido já ameaça sentida pela Igreja Católica do crescimento pentecostal evangélico. Não percebi na época. Então fiquei admirado, porque era uma posição clara, bem argumentada e não poderia discordar, tive que concordar. E foi nessa entrevista que o cardeal... Voluntariamente, eu não pedi nada, começou a falar sobre a atuação dele, durante a Ditadura, aqui no Brasil, como ele tinha decidido usar a sua influência para tirar os presos das garras da tortura, e como ele tinha sido muito mal compreendido, mas como ele tinha tomado essa decisão porque achava que como cristão ele tinha que agir em favor do maior benefício possível para a humanidade que esta era a maneira dele, a decisão dele. Muito acusado de ter ser amigo dos militares e tal. Eu o admirei mais ainda, eu fiquei muito admirado e mais tarde toda essa posição de fato verificada pelos historiadores. Bom, esse foi um incidente. Mas, ao mesmo tempo tínhamos esses velhos compromissos, a gente estava sempre aberto, curioso e interessado em coisas novas. E a Fundação Ford lá em Nova Iorque tinha decidido, em 85 deve ter sido, que a Fundação deveria estar atenta a questão do direito humano ligado a Aids que já estava identificada como endemia. Não na esfera bioquímica de pesquisa médica, não – porque a Fundação não apoiava esse tipo de projeto, mas na área social política. Aí ficamos de olho. Aí surgiu a Abia²³ sob a batuta do Betinho. E a Abia que pretendia chamar a atenção, informar o público. Fizeram um lugar de informação e de proteger as pessoas identificadas como soropositivo. Nós pensamos: “Esse tipo de coisa que a Fundação pode apoiar”. Eu fiquei reticente porque eu já tinha tido um contato anterior com o Betinho que está ligado a essa época de fim do governo militar. Mas é outro assunto, falo?

H.A. – Eu acho que pode.

²³ Associação Interdisciplinar de Aids

P.F. – Como prelúdio, volto a Betinho. Nós demos conta de que a Fundação Ford tinha que se reorientar perante a volta da democracia no Brasil. Por exemplo, a Fundação Ford não tinha nenhum contato com nenhuma universidade de São Paulo desde a expulsão de Fernando Henrique e companhia. Mas a Universidade de São Paulo não estava mais fazendo isso. Eu fui falar com [José] Goldemberg que era o reitor da USP. E foi uma entrevista interessante porque estava esse grande físico na frente, reitor da maior universidade do país onde pontificava os meus melhores amigos da antropologia. Lá eu, da Fundação Ford, falando com o reitor. Ele olhou para mim e disse assim: “Você que nasceu na Inglaterra deve entender muito bem a importância da coisa pública. Assim o senhor vai se interessar pelos projetos da USP com certeza”. Então isso foi importante eu acho, porque uma maneira de restabelecer contato com a instituição em outros momentos históricos. Eram duas outras frentes de atuação ligadas aos direitos humanos e também o que se chamava de desenvolvimento sustentável que seria então o surgimento de organizações da sociedade civil. Mais tarde eu comecei a criticar muito esse conceito, mas enfim, as ONGs. Eu confesso que eu não sabia de ONG antes disso, não sabia. Mas a palavra non-governmental organization começou a ficar cada vez mais visível na literatura da Fundação. E nos Estados Unidos, desde Tocqueville que percebeu que as sociedades são organizadas muitas vezes na base do associativismo – quer dizer que as organizações não governamentais dos Estados Unidos são legião e sempre foram os clientes favorecidos da Fundação Ford. Mas no Brasil não, havia essas pequenas organizações de direitos humanos que falei antes, isso sim. Mas fora disso não. Eu vi que a Ibase²⁴ não estava nos livros da Fundação Ford, a Fase não estava. Eu pensei: “Bom, eu vou falar. Conversar, aprender”. Fui falar com a Fase, fui falar com o Ibase. Betinho me recebeu muito, muito bem com café, biscoitinhos e tal, mas disse que não queria dinheiro da Fundação. Eu acho que ele não queria dinheiro americano. Eu acho totalmente consistente com a posição dele, muito nacionalista e nem por isso... Não ficamos inimigos. Foi assim a posição dele e eu aceitei. Nunca mais fui aborrecer o Ibase, embora eu fiquei magoado.

L.O. – Um choque... [riso]

²⁴ Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

P.F. – Choque não, mas magoado porque uma das... As fundações competem entre si e competem para bons projetos. Eu precisava de bons projetos, para o meu bem e para o bem da Fundação, porque a gente veste a camisa. E alguns dos bons projetos estavam lá nas mãos do Betinho, mas não quis. Então, eu pensei: “Não, tudo bem”. Quando surgiu a ABIA, eu pensei: “Bom, posso falar com o Betinho por lá”. E ele mudou de ideia. Nem se referiu à situação anterior... Eu acho que era quarenta mil dólares na época, não me lembro exatamente. Ele perdeu, então, dinheiro para fundar a Abia. E eu gostei mesmo da Abia, porque não era um lugar de homossexual, era um lugar de todo mundo: tinha homossexuais, tinham bispos, tinha arcebispo... Aquele Dom Morelli lá de Caxias, não é isso? O Rubem César [Fernandes] estava lá na história, o próprio Betinho. Eram vários amigos antigos lá. Então eu achei que era a melhor coisa que o Brasil podia ter inventado porque o Betinho tinha um problema de hemofilia, não é isso? Quer dizer que misturava hemofilia, homossexualidade e naquela época a gente tinha que... Uma das coisas que tinha que ser combatida era a noção de peste gay e o ressurgimento de ressentimento em relação à homossexualidade. Então, me parecia que era um lugar perfeito da Fundação apoiar. Assim foi, assim se deu. Logo em seguida veio o Gapa que era mais homossexual mesmo, em São Paulo e no Brasil afora. Quem fez isso foi a Katherine Burns ela que negociou que todas essas situações. E a outra frente era uma frente que o Bruce inventou. O Bruce com a sua experiência americana achava que o que a Fundação poderia fazer nesse momento da história do Brasil era apoiar a mudança dentro da polícia. Até então, a palavra polícia, soldado, militar, para a esquerda era anátema, não se podia nem falar. Mas o Bruce percebeu corretamente, na minha opinião, naquela época, que não adiantava bater, bater, bater contra a polícia. Você também tinha que ter projetos que apoiavam o que tinha de positivo dentro da polícia. E falou da experiência norte-americana nesse sentido, falou especificamente de uma instituição em Washington, chamava-se *The Police Foundation*, que era uma organização da polícia, mas que fazia pesquisa e produzia ideias de políticas públicas etc. Coincidiu que sob o governo Brizola... O Brizola nomeou como chefe da segurança pública coronel Nazareth Cerqueira que eu não conhecera, mas logo ele começa a aparecer na imprensa falando sobre direitos humanos, falando de uma outra polícia. Então, Bruce e eu achávamos que a gente tinha que conhecer Nazareth Cerqueira. Ficamos impressionados, impressionados. E resolvendo, então, tentar inventar uma maneira de desenvolver um programa em relação com

a polícia no Rio de Janeiro. Como fazer? Bom, tinha alguns pesquisadores sobre o assunto. Bretas, jovem historiador, já estava com a pesquisa dele. O do Iuperj²⁵ que morreu...?

L.O. – Edmundo Campos?

P.F. – Sim, Edmundo Campos que era uma pessoa difícil, mas muito, muito inteligente. Então tinha um grupo de intelectuais brasileiros envolvidos e organizou-se um pequeno seminário na Fundação Rui Barbosa em Botafogo.

H.A. – Você lembra em que ano foi isso?

P.F. – Não. Quando que Brizola vira governador do Rio de Janeiro? Deve ter sido 85-86, 86 provavelmente ou 87, não sei...

H.A. – Em 86, você já era representante.

P.F. – Ah é? Bom... Mas apoiamos esse seminário, era um seminário de pesquisa sobre a polícia. Falei com o Marcos Bretas... Marcos era o organizador do seminário. Eu disse: “Marcos...”. Porque quando a Fundação começa um projeto é sempre assim, coisa pequena, e você é muito bom... Esse aqui é muito bom trabalho porque você trabalha com as pessoas e quando as pessoas percebem que é uma relação intelectual, fica muito interessante. Então trabalhamos juntos nesse projeto, embora o projeto tenha sido dele e o impulso nosso, com certeza. Mas nesse seminário resolvemos convidar o Nazareth Cerqueira para abrir o seminário. Sabe aquele teatrinho que eles têm na... Lá vem o coronel... Eu não sabia o que ele ia falar. Ele veio à paisana e começou a falar assim: “Boa tarde senhoras tal, tal e tal. Eu sofro de dois estigmas: o estigma de ser negro e o estigma de ser policial”. E foi desenvolvendo a sua fala a partir de segundo estigma, sobretudo. O argumento era absolutamente óbvio, brilhante: os policiais são cidadãos brasileiros, a de serem vistos como tais e essas mudanças fundamentais e para isso tem que falar com a sociedade, tem que falar com a polícia. E falou do estigma, incrível. Ele falou assim, eles estão fazendo um arrastão na praia de Copacabana e ele foi à

²⁵ Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

paisana para ver o que a polícia estava fazendo. E logo a polícia o parou e mais ninguém, e exigiu os documentos dele – para falar do estigma de ser negro. Era um homem que... Foi assassinado. Bom, começou assim. Aí o Nazareth se interessou pela experiência americana e se interessou... Naquela época havia uma coisa chamada doação individual que era para o indivíduo viajar e conhecer coisas. Então, ele recebeu uma doação desse para ir aos Estados Unidos, visitar a tal *Police Foundation* e mais uma organização em Nova Iorque, esqueci o nome dela, para ver que tipo de pesquisa estava sendo feita, de que maneira, sobre que assuntos. E voltou para o Brasil entusiasmado, achava que era possível fazer no Brasil e pediu uma doação para começar um pequeno instituto de pesquisa na UFF – Federal Fluminense. É assim que começa a relação da Fundação com a tentativa de mudar... Eu lembrei de uma coisa vindo para cá: bem mais tarde, depois que eu saí da Fundação, quando o Luiz Eduardo Soares está sendo perseguido, não é? É a Fundação Ford que vai oferecer uma doação individual para ele, exatamente, escapar do perigo aqui no Brasil, mas também para fazer pesquisa sobre essa questão. Quer dizer que é evidente que a relação estabelecida na década de 80 permaneceu, não é? Eu acho que isso deve a clarividência do Bruce Bushey.

L.O. – Figura fundamental, não é?

P.F. – Bom, Betinho já falamos sobre isso, sobre a Abia. Infelizmente não lembro das datas. E quando as coisas são feitas a gente não pensa na história, não é?

L.O. – [riso] Nós temos as doações da Fundação na tabela das doações.

P.F. – Não vai ser difícil então.

L.O. – É. A gente não tem exatamente esses contatos, como é que foram feitos. Isso não está lá, está só o tanto e uma descrição desse tamanho para... De alguma forma você acabou, você e o Bruce, abrindo áreas, de alguma forma, novas na Fundação, não é? Porque mesmo... Por exemplo, no caso da universidade... Está bom que tinha parado de dar recursos para a USP,

mas a doação para universidade estava, quer dizer, o curso de Ciência Política da UFMG²⁶, aqui do...

P.F. – Demografia na UFMG, também.

L.O. – Investiu bem, não é? O próprio Iuperj, Museu Nacional...

P.F. – Anpocs²⁷.

L.O. – É. A Ford, vamos dizer assim, depois dos primeiros anos que também doou para a Capes²⁸, CNPq²⁹, coisas de governo, estava investindo nas universidades fora essas....

P.F. – A Ford investiu no CNPq?

L.O. – Não sei se é Capes ou CNPq, logo nos primórdios para organizar...

P.F. – É mesmo? Que interessante.

L.O. – É. Mas aí já estava se afastando disso e entrando mais nessas organizações novas.

P.F. – Ainda não estava se afastando.

L.O. – Não?

P.F. – Não.

²⁶ Universidade Federal de Minas Gerais

²⁷ Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

²⁸ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

²⁹ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

L.O. – Manteve... Na USP por exemplo... E aquele estudo lá, Núcleo de Estudos da Violência da USP?

P.F. – É, isso era da mesma época.

L.O. – Sérgio Adorno...

P.F. – Claro, Sérgio Adorno, Paulo Sérgio Pinheiro. E eu estava em uma posição muito privilegiada porque era amigo de Paulo Sérgio de Campinas e do Sérgio também. Claro, vem da mesma época. E acho que o carro chefe da Fundação Ford no Brasil tinha sido sim de fomentar uma intelectualidade autônoma brasileira. Tinha sido esse esforço. Tanto é que a demografia brasileira foi obra da Fundação Ford: Anpocs, etc., etc., acho que todo mundo reconhece isso. Aliás, até hoje acho que foi o melhor investimento, porque quando você investe na cabeça das pessoas e deixa as pessoas fazerem o que fazem, você deixa de manipular, você não pode manipular mais.

L.O. – Se você olhar, vamos dizer assim, as análises dos trinta anos da Fundação Ford... Aqueles textos que o Sérgio Miceli faz é um pouco reconhecendo isso, não é?

P.F. – Eu quero mais água, pode...?

L.O. – Ali está esse reconhecimento, mas de alguma forma algumas pessoas olham isso e dizem assim: “Mas ali era o canto dos cisnes”. Estava terminando ou diminuindo mesmo. A partir dali você começa a ter financiamento de outras instituições que não são mais as que vão formar quadros, pesquisa etc., etc. Também nesse quadro eu estou me lembrando da presença da Fundação Ford no Centro de Estudos Afro-asiáticos da Cândido Mendes.

P.F. – Sim, essa foi uma das doações semipermanentes que nós herdamos, não é? Eu conheci muito bem por causa da minha própria pesquisa, visitava sempre. E era uma instituição muito importante no Rio de Janeiro. Eu conhecia desde Campinas, me convidavam quando eu comecei a me interessar pela Umbanda e tal. Interessantemente ninguém me convidou para falar sobre África. Nunca. Então eu comecei a sentir que o meu conhecimento da África valia

nada. Até hoje, não é? Dos pesquisadores no Brasil, provavelmente, eu sou o único que sabe alguma coisa de Zimbábue por exemplo. Mas nunca ninguém me convidou. Mágoa. Mas o Centro Afro-asiático era muito importante, era uma criação do Cândido Mendes na época da presidência do Jânio Quadros. Tem uma coisa meio terceiro mundista da relação necessária entre o Brasil e o mundo em desenvolvimento, por isso é oriental e África. E o José Maria que era o chefe do centro. Bom, aí veio a papelada da renovação dessa instituição e toda a justificativa da Fundação Ford era que era uma instituição de pesquisa e tal, tal, tal. Aí eu fui ver que de fato o que tinha de pesquisa era muito pouco. Eu fui falar com o doutor Cândido e o José Maria também: “Escuta, está difícil, como eu vou... Porque eu não sou de... Vocês são uma instituição de pesquisa então...”. Doutor Cândido entendeu o que eu falava e pensou que... Não sei, teria que conversar com ele mesmo, mas eu penso que a universidade dele tinha algumas jóias na coroa, uma das jóias, evidentemente, era o Iuperj, que dava muito prestígio de altíssimo nível, e o Centro de Estudos Afro-asiáticos também – não era da mesma potência, mas tinha uma importância para a universidade. Chamava-se universidade de instrução isso, não é? Aí o doutor Cândido disse: “O que eu faço?”. Eu disse: “Não sei, doutor Cândido, mas alguma coisa o senhor tem que fazer. Bolar um projeto que produza mais pesquisa e inclusive que treina pesquisadores jovens”. Aí foi assim que o doutor Cândido convidou o Carlos Hasenbalg, que dava aula no Iuperj, para chefiar o Centro de Estudos Afro-asiáticos. O Carlos tinha toda a legitimidade, por isso que eu achei que a Fundação podia apoiar. Ele, em 79, escreveu livro que acabou sendo a Bíblia do movimento negro. O livro do Carlos, como chama? *Desigualdade racial no Brasil*, alguma coisa assim, virou, até hoje, a Bíblia do movimento negro no Brasil. Mostrava as desigualdades e atribuía ao preconceito e discriminação. É um livro muito bem escrito. É a tese de doutorado dele na Califórnia. Então, o Carlos tinha, apesar do olho azul e da nacionalidade argentina, muita legitimidade para um projeto acadêmico sobre essa questão. Eu achei que foi muito bem escolhido. Ele é amigo do Nelson do Valle Silva. Então eu achava que com esses dois cérebros ia dar samba.

L.O. – O Centro de Estudos Asiáticos – não sei bem o nome – da Bahia também existe lá na Fundação Ford...

P.F. – Naquela época não, era meio moribundo naquela época.

L.O. – Porque um chama afro-asiático e o outro...

P.F. – Afro-orientais. Estava semimoribundo. Eu conhecia um dos fundadores que era o Vivaldo da Costa Lima, lá na Bahia, sempre fiquei interessado. Mas era uma coisa pouco estruturada e nunca...

L.O. – Não foi possível chegar...

P.F. – Não, não. Aliás, acho que... Bom, mas esse é outro assunto.

H.A. – [riso] Eu acho que a gente podia falar um pouquinho de África agora, o que você acha Lúcia? Para depois entrar no assunto diversidade, o que você acha?

L.O. – Peter, que dizer, dessa consciência pelo menos que estava se adquirindo, estava se estudando os condicionantes, as dificuldades, a experiência dos negros no Brasil, a desigualdade e tudo, o que já se fazia dentro da Ford e os projetos que ela apoiou?

P.F. – Vou tentar lembrar. Um projeto foi com uma organização maranhense. Agora essa organização não tem negro no título, é uma organização de direitos humanos, não lembro exatamente o seu nome, que veio querer fazer uma pesquisa sobre grupos negros rurais no estado do Maranhão. E falaram com a pessoa certa, porque lá em Campinas a pesquisa mais interessante da qual eu participei foi sobre Cafundó, que é uma comunidade negra no município de Sorocaba que tem uma língua africana. Que eu fiz junto com meu amigo, colega, linguista, poeta, secretário de educação superior do estado de São Paulo Carlos Vogt. Carlos e eu fizemos muito trabalho e nós viajamos muito pelo país a procura de pequenas comunidades negras rurais, sempre procurando essa língua que nunca encontramos, apenas em Minas Gerais, mas isso é outra história. Mas eu já estava antenado a essa questão, porque me parecia algo completamente esquecido pela sociologia e pela antropologia brasileira em geral. Então quando esse grupo veio com vontade de fazer esse tipo de pesquisa fiquei fascinado e eu achava que era exatamente esse tipo de levantamento que a gente poderia apoiar porque aumenta o conhecimento sobre as relações raciais no Brasil. Então houve uma doação para esse grupo. E como eu sempre tentava, sob o comando da Fundação... A Fundação gostava sempre de

sinergia, tentar relacionar aspectos, instituições. Então organização não-governamental, universidade, governo às vezes. Então se envolveu nesse projeto também o Alfredo Wagner, antropólogo conhecido que fez o seu doutorado no Museu Nacional e também parecia um projeto muito bem bolado porque tinha os militantes locais, tinha o Alfredo para dar a assessoria de pesquisa e tal. E essa pesquisa de fato foi importantíssima que é olhado daqui para lá, o que deu de fato a origem da discussão sobre o que viria mais tarde a ser chamado de quilombos, muitas vezes não eram quilombos, eram comunidades negras rurais. Essa ressemantização do termo vem na década de 1990 como vocês sabem. Então foi isso que para o bem ou mal foi. A outra coisa foram duas doações que eu me envolvi muito e eu gostei muito de participar. Uma era uma pesquisa enorme sobre os 100 anos da abolição da escravatura. Então eram dois projetos que eu ajudei. Um projeto da Heloísa Buarque de Hollanda, da UFRJ, que era um projeto de levantar tudo o que se produzia na sociedade sobre essa questão durante esse ano. Então ela recrutou um grupo de pesquisadoras Maria Laura Viveiros de Castro, Yvone Maggie... Lá em São Paulo a Lilia Schwarcz e outros, que foram levantando toda a documentação produzida ao longo deste ano e também fazendo entrevistas com as personagens-chaves e até hoje essa documentação está na Universidade Federal do Rio de Janeiro à disposição, as fitas, fotografias, tudo está lá. Lindo, lindo mesmo e muitas vezes esquecido. Um manancial extraordinário sobre aquele ano, como que o Brasil pensava a questão em 1988. E o outro projeto era o da Celina Moreira Franco, a sua colega não é isso? Que era interessante como as coisas vão... Porque às vezes aparecem pequenas amizades também no meio da história. Celina era muito amiga do Bruce e eu conheci a Celina [Moreira Franco] através do Bruce e gostei muito. Celina era diretora do Arquivo Nacional e veio com um projeto de fazer um levantamento do fundo sobre escravidão no Arquivo Nacional. Também um lindo projeto, produziu dois livros onde toda a informação sobre toda a documentação sobre escravidão está. Eu acho que essa foi uma baita contribuição ao conhecimento no Brasil sobre essa questão. Esses projetos eram dirigidos ao... Tanto os estudos afro-asiáticos, quanto o da abolição, quanto o do Arquivo Nacional era uma tentativa da fundação agir no sentido de incrementar o conhecimento social sobre a escravidão e sobre as relações raciais no Brasil. De fato demos algumas doações pequenininhas para grupos de discussão da militância negra. Eu lembro que fui numa dessas reuniões no Norte e Nordeste do Brasil onde vários grupos se encontraram para conversar. Eu rechaçava apoiar um grupo ou outro porque eu achava que se apoiasse um grupo o outro grupo ia ficar ressentido, e vocês

devem saber que os movimentos sociais no Brasil são muitas vezes fracionados, o movimento gay era fracionado... Eu acha que financiar uma reunião era uma maneira de ser simpático sem favorecer nenhum ou outro militante. E outro projeto marginalmente relacionado a isso era um projeto na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no departamento de Ciências Sociais daquela universidade. Eles estavam percebendo que a Universidade Federal do Rio de Janeiro, o IFCS, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, estava atraindo cada vez mais alunos não da elite carioca, mas pessoas de camadas menos favorecidas, como se dizia na época, e também pessoas mais escuras evidentemente pela mesma razão. Mas que a taxa de conclusão de curso era baixíssima, quarenta por cento. Quando eu soube dessas cifras eu fiquei estarecido porque era evidente que esta universidade pública não estava formando e o custo, se você pudesse fazer o cálculo por aluno, era altíssimo. Então eles acharam que uma das maneiras de resolver isso era conseguir um certo financiamento para os alunos mais pobres da universidade e envolvê-los desde o início em projetos de pesquisa, o que parecia razoável e era uma coisa que nos tínhamos feito lá em Campinas na Unicamp na década de 70 com mais ou menos resultado. Mas certamente envolvendo os alunos de graduação que vem de famílias menos letradas, envolvendo-os na pesquisa desde o início ajudava muito às pessoas adquirirem o código lingüístico, inclusive, para lidar com essa questão. Quando veio esse projeto eu achei: “Perfeito. Esse é um projeto que a Fundação pode apoiar porque é uma maneira de incluir cada vez mais pessoas, o critério é racial e social...”. De fato era apenas social, se falava em alunos mais pobres o que evidentemente incluiria pessoas mais escuras. Porque a Fundação, nos EUA e no mundo, tem o que eles chamavam (não sei se mudou isso) target groups, grupos-alvos, que são senhoras e pessoas de cor. Para todas as doações a gente tinha que ter uma tabela: de um lado negro/branco, aqui mulher/homem... Não, não, mulher/homem não, era gênero que se chamava. Eu brigava com eles, dizia que não era gênero, era sexo mesmo... Mas tudo bem. E essa tabela sempre criava problemas no Brasil porque as pessoas não sabiam muito bem o como colocar na parte de negro e branco. Tinha uma orquestra que a Fundação financiava em Olinda (linda) e a orquestra dizia assim: “Oitenta por cento da orquestra é de negros dos quais setenta por cento são brancos”, sabe esse tipo de resposta completamente enlouquecida? Eu escrevi inclusive, perdi, mas eu escrevi um pequeno memorando para a Fundação em Nova Iorque tentando argumentar que essa tabela não era exatamente apropriada para aquele lugar. Embora reconhecendo a coincidência de sofrimento e cor no Brasil essa tabela não funcionava bem

mesmo, enfim. Então esse projeto do IFCS³⁰ me pareceu um projeto plausível no contexto brasileiro. Foi assim que se deu, vai ser avaliado um dia, não sei. Eu acho que já avaliaram lá. Pelo menos aumentou a taxa de formação, as pessoas se formaram mais e certamente algumas pessoas de origem muito humilde acabaram sendo pessoas de destaque no mundo acadêmico. A mesma coisa, *by the way*, do Centro de Estudos Afro-asiáticos, os jovens que passaram por lá acabaram sendo grandes figuras. Então eu acho que não foram projetos totalmente ruins, não foram. E também eu acho que, essa é uma coisa que aprendi quando cheguei na África, talvez eu esteja me repetindo um pouco, que uma das grandes dificuldades de uma grande instituição como a Ford, qualquer uma delas, vocês sabem qual era a filosofia da época: era de que a Fundação Ford tinha os seus valores, tinha os seus projetos, e esses projetos são definidos pelo conselho da fundação, grandes áreas de interesse... Mas que a tarefa de cada escritório é de entender suficientemente bem a peculiaridade daquele lugar para desenvolver projetos dentro dessas grandes áreas que são em consonância com aquele... Um projeto muito interessante, quer dizer, é uma Fundação Ford que reconhece a sua própria diversidade possível e a arte da coisa então era de relacionar as coisas a outras. Genial eu acho. Me lembrava um pouco a ideia fundadora da british commonwealth, o final do império, a ideia de um concerto de nações diversas mas juntas. Eu achei interessante a ideia, mas eu era muito mais romântico na época. Eu achava essa uma ideia muito boa, ainda acho. Então, eu argumento o tempo todo: o Brasil não é exatamente os Estados Unidos da América, então temos que andar com outros projetos e foram esses que acabamos fazendo.

L.O. – Podemos entrar agora...

H.A. – Podemos entrar a agora na África... Sua ida... Sua volta, não é? [risos]

P.F. – Em 1988-89 se abriu um escritório da Fundação Ford em Harare, em Zimbábue, que seria um escritório subordinado ao escritório de Quênia, em Nairóbi. E eu me candidatei porque eu achava que tinha as qualificações, tinha a experiência da Fundação no Brasil, falava português e inglês para poder trabalhar em Moçambique, o escritório também teria responsabilidade em Moçambique, e falava também a língua majoritária africana de

³⁰ Instituto de Filosofia e Ciências Sociais

Zimbabwe. Então me deram a tarefa de abrir esse escritório em Harare. Lá fui eu com Salim, o funcionário paquistanês da Fundação Ford em Nova Iorque, mas da área administrativa. Salim Sufi o nome dele. Ele tinha uma versão do Corão toda específica que permitia que ele bebesse um pouco de uísque, mas não muito. Ele alegava que o Corão não proibia bebida alcoólica, uma questão de medida. E Salim era uma pessoa ótima, achamos um lugar para abrir, decoramos, abrimos todas as coisas da Fundação. E a Fundação Ford naquela época tinha dinheiro para fazer bem o escritório, quer dizer que era um escritório muito bonito que nós conseguimos montar, contratamos pessoal local. E eu ganhei um colega program officer, chama-se Michael [INAUDÍVEL], de origem queniana, cientista político que se tornou um amigo. Eu consegui reproduzir lá o mesmo sistema que tinha tido no Rio de Janeiro, não era um triunvirato era um biunvirato. Mas eu aprendi muito com ele e aliás o Michael mudou muito a minha vida também, acho que nem ele percebe. A primeira língua do Michael é kikuyu, a segundo língua é inglês. Mas como ele estudou em inglês a vida toda e o colégio onde ele estudou em Quênia era “pari passu” o mesmo colégio que eu estudei na Inglaterra, porque eles montaram fac-símiles, não é? Então ele fez o mesmo currículo, os mesmos autores, tudo. Então ele era um verdadeiro cosmopolita porque ele tinha o seu kikuyu, tinha a sua família, tinha também essa experiência de estudar em um colégio inglês e tinha uma coisa que eu não tinha: uma paixão pela língua inglesa, o texto dele era límpido e lindo. Então ele virou meu copidesque lá na África e eu fico até chorando porque são essas coisas que eu... Eu queria que o mundo fosse assim. Porque que alguém não pode aprender melhor que eu a minha língua materna. Infelizmente eu não fiz isso com o português como vocês percebem, ainda confundo gêneros e tempos, tempos de verbos e tal... Mas enfim, foi muito feliz essa relação e lá também um tive oportunidade de fazer coisas que eu quis porque eu fiquei responsável pelo programa em Moçambique. Em Zimbábue nem tanto porque lá o programa era dos program officers do Quênia. Então eles que fizeram desenvolvimento rural e essas coisas que eu não entendia, também não gostei muito, mas em fim estavam lá fazendo tudo isso. E eu estava responsável... Ah, eles faziam também direitos humanos, que eu acompanhei bem no Zimbábue e que era uma coisa fundamental. Eu cheguei à conclusão que as duas áreas que a Fundação Ford tinha cacife mesmo, influência mesmo eram direitos humanos e educação. Não tive dúvida nenhuma. Moçambique estava no meio de uma guerra civil, então você não podia fazer desenvolvimento rural por que não tinha como chegar na zona... Eram tudo... Morto! Só se podia visitar as cidades e olhe lá. Aí eu vi que só poderia fazer em Moçambique o que a Fundação Ford tinha

feito no Brasil nas décadas de 60, 70, 80: desenvolver uma comunidade local de inteligência. Foi isso o que nós fizemos, para o bem ou mal. E envolvemos o Brasil. Um grande projeto mandando jovens moçambicanos (vinte ao todo) para estudar aqui no Brasil e como eu já tinha tido essa relação com o IFCS achei que eles poderiam ficar lá, e como tinha uma relação com o Cândido Mendes por causa do Afro-asiáticos achei que eles poderiam manejar a parte logística (passagens, pagamento de bolsas etc e tal). E foi assim que se fez, então se formou vinte jovens cientistas sociais em um país que também estava em transição. A transição lá não era a mesma transição do Brasil, era a transição de um estado comunista para o que se chamaria de neo-liberal, uma democracia com constituição liberal etc. Era uma situação fantástica também de mudança rápida, radical e onde a Fundação Ford estava lá. Esse projeto hoje é fundamental e o outro, talvez não interesse tanto a vocês, mas era a questão de Moçambique se reconhecer diverso porque o comunismo achatou tudo. As palavras de Samora Machel eram “Abaixo o obscurantismo” que era abaixo a cultura, não é? Abaixo tudo. Não se falava das línguas, não se falava das culturas não se falava das diferenças em Moçambique, então era um momento de reconhecer as diferenças e saber lidar com elas. Fascinante, mesmo, fascinante. Por mais eu odiasse o Zimbábue, mais eu amava Moçambique. Aí que vem uma espécie de mudança radical na minha cabeça porque a razão de eu odiar o Zimbábue era porque era um país visceralmente racista, nasceu racista, nasceu sob a batuta do sistema vigente na África do Sul. A Rodésia era efetivamente uma colônia da África do Sul desde a sua invenção com a chegada dos brancos em 1890, sofreu uma rebelião em 97-98 e desde então foi uma sociedade fundada sobre diferenças intransponíveis raciais, dividida em pretos, brancos e calluts (mistos). Tudo separado: escola, residência, tudo, tudo, tudo... Hospital... Segregado. Inacreditável de nojento. Isso vi de menino na minha pesquisa lá na década de 60, eu vi, eu fui à África do Sul. A volta para Zimbábue foi uma volta imaginando a superação disso. Ao invés de ver sua superação, vi sua permanência. Vi que com raríssimas exceções o Zimbábue era tão dividido, tão segregado quanto na época que era dirigido pelos brancos. Aí comecei a ficar muito deprimido, procurava lugares... Eu fiz muitas amizades, fiz amizades com os jovens brancos que lá ficaram, simpatíssimos, mas eles também viviam no mundo deles. Eles faziam jantares e vinham pessoas, mas eles não eram convidados de volta. Eu apoiava programas que tentavam explorar as relações entre uns e outros, com muita dificuldade. O que mais sucesso teve foi de fato o Balé Nacional de Zimbábue. Balé Nacional de Zimbábue teria sido o Balé Nacional de Rodésia e era uma escolhinha que treinava as meninas brancas para competir

para o National Ballet na Inglaterra. Então era uma instituição seríssima, mas o National Ballet inventou que não era mais assim e aí começaram a recrutar negros dos townships em volta. E eu ia lá e eu vi, tinha um projeto de fusão reconhecendo música e dança local, balé clássico, etc. e tal e tentando ajambrar alguma coisa no meio. Eu fiquei fascinado por isso e foi muito interessante porque o Balé Nacional antigo, da Rodésia, quem dançava eram as meninas, os meninos brancos não dançavam por medo de serem acusados de bichas. Quando recrutaram as pessoas africanas apenas vieram os homens porque as mulheres que dançam eram acusadas de prostitutas. Então você tinha um corpo de balé de menininhas brancas e homens negros que vinham lá na periferia. Então montaram dança em cima dessa coisa... E foi espetacular e a Fundação Ford apoiou. Eu fiquei... Essa foi genial, eu tenho até em fita VHS se você quiser ver um dia. Lindo, lindo, lindo mesmo e um sucesso danado, não sei se continua... Mas era uma tentativa... Eu achava que aí que a Fundação Ford tinha que estar, não no sentido de separar, mas de juntar. Eu achava que era essa a nossa missão naquele lugar completamente segregado. E as outras instruções que nós apoiamos eram evidentemente direitos humanos, a mesma coisa, e inclusive para defender os brancos porque os brancos estavam sendo literalmente atacados nas suas fazendas. Então era um situação muito desagradável. Moçambique, ao contrário, como Samora Machel sempre dizia... Ele distinguia claramente, era um homem lúcido, lucidíssimo, e distinguia entre raça e classe. Ele dizia: “Nós não somos contra os portugueses, somos contra o imperialismo”. E quando ele montou o primeiro governo havia muitos filhos de colonos dentro desse governo, brancos, e quando ele ia a Moscou, os moscovitas: “O que é isso? Vocês não são independentes?”. Porque apareciam tanto os brancos quanto os negros africanos. Mas o Samora defendia, os meus... Ele chamava... Os meus brancos, acho que chamava alguma coisa assim. Com todos os defeitos era um governo antirracista, era mesmo. E nos últimos anos, aí estamos em terreno disputado, mas nos últimos anos do império português, a partir do final da década de 60, o governo do Salazar começa a por em prática um certo não-racismo, pelo menos nos liceus. Então há uma emergência de uma classe média letrada negra e mulata em Moçambique nesse momento, que você vê lá agora, já são pessoas da minha idade. Você tem um movimento elitista, está certo, antirracista no final do império e ao longo dos anos da Frelimo, muito forte. Isso deixou vestígios, vestígios positivos. Moçambique é menos contaminado pela obsessão racial que os seus vizinhos. África do Sul é completamente obcecada, Zimbábue obcecado e Moçambique menos. É verdade que claro que tem tensões, essas são muito visíveis na Universidade, onde os jovens professores

negros queriam ser reitores, promovidos e tal. Mas, em geral, o país escapou do demônio da obsessão racial. Isso abriu meu olho, eu comecei a olhar de volta para o Brasil com saudades do Brasil, que por mais que tenha desigualdades etc. e tal, pelo menos as pessoas falavam entre si, pelo menos havia a possibilidade de conversa e não havia esse repúdio do contato, do contato diário. Eu comecei a olhar de novo para o Brasil. Mudou a minha cabeça. Escrevi um artigo para o Carlos Hasenbalg, me pediu um artigo e eu mandei para ele, que saiu publicado naquela revista dele. Ah, uma coisa que esqueci: aquele Centro de Estudos Afro-Asiáticos renovado, fez com que a Revista de Estudos Afro-asiáticos se tornasse uma revista acadêmica de ponta nesses anos, de qualidade mesmo, por isso que colocaram meu artigo [risos]. Foi um artigo argumentando exatamente dessa semelhança entre Moçambique e o Brasil, e a diferença notável entre os dois, por um lado, e Zimbábue e Estados Unidos por outro. Aí eu comecei a pensar que seria interessante o Brasil achar outra maneira de lidar com a questão da discriminação racial. Não é uma questão de negar a discriminação, nunca, nem o preconceito, mas de achar uma maneira diversa de lidar com isso. E foi nesse momento que eu fiquei informado através do correio interno da Fundação Ford de um projeto que o próprio Carlos [Hasenbalg] tinha proposto, que era o de mandar jovens brasileiros negros para fazer Phd nos Estados Unidos da América, sendo a ideia a de aumentar o número de negros qualificados. Eu escrevi de volta, eu me lembro disso, para o Carlos dizendo: “Não faça isso, porque é chover no molhado”. Já tem gente entrando nos programas de doutorado e mestrado, o governo brasileiro financia uma coisa chamada bolsa sanduíche, quer dizer que sem dificuldade nenhuma você pode mandar as pessoas com o dinheiro do contribuinte brasileiro para estudar em Harvard, para onde quiser. Chovendo no molhado, primeiro. E segundo, criava distinções desnecessárias, eu achava. Mas fui voto vencido é claro e de fato surgiu naquele momento um dos candidatos que foi recusado por não ser negro o suficiente. Não sei quem recusou, mas ele próprio me disse. Ou seja, já havia esse problema de decidir quem é quem, que eu achava que era um passo para trás no Brasil, eu achava, acho ainda. Então foi assim. Quando eu vi a situação na África do Sul e Zimbábue a minha interpretação era de que se você coloca raça na letra da lei você cristaliza o conceito, torna esse conceito objetivo e real para nunca mais desfazer e o que aconteceu em Zimbábue é que era tão natural pensar o mundo de raças distintas que ninguém se quer imaginou qualquer projeto governamental para desfazer... Muito pelo contrário. O [Robert] Mugabe construiu a sua carreira terrível sobre exatamente as mesmas distinções raciais que o seu antecessor [Ian] Smith. Igual. O Smith defendia o quê: *Western*

christian civilized standards. Padrões cristãos ocidentais brancos, é isso. E o quê o Mugabe? “Cultura africana”. C'est la même chose. As duas são artificiais, mas são calcadas numa compreensão racializada do mundo. Se o Brasil começa a fazer isso, logo ele vai estar construindo algo que é tão nocivo que o resto do mundo não consegue desfazer. Mesmo se você conseguisse, não consegue... É muito difícil, *anyway*.

L.O. – Eu estava aqui só colocando: Falou, falou, falou. Não sei se você está lembrando de mais alguma coisa ou não?

H.A. – É, eu acho que valeria só arrematar, então, essa questão não só falando de Ford, mas esse caminho que o Brasil seguiu nas ações afirmativas.

P.F. – Pois é, eu voltei para o Brasil em 83, e logo em seguida o governo brasileiro produziu um seminário, não me lembro em qual ano, organizado por Jessé Souza – noventa e qualquer coisa – falando sobre ação afirmativa. Não fui convidado. Roberto DaMatta foi, Fábio Wanderley foi, várias pessoas foram. Estava lá o próprio [Thomas] Skidmore que produziu um livro muito interessante. Essa foi a primeira vez que foi mencionado. Foi durante o governo Fernando Henrique. O Fernando Henrique fez o prefácio do livro e ele falava que tinha que se tomar cuidado no Brasil porque o Brasil tinha lá suas especificidades e pediu criatividade – acho que foi essa palavra que ele usou. Morreu o assunto, no nível público, até 2001 com a Conferência das Nações Unidas sobre racismo e intolerância em Durban, África do Sul. Aí vai a comitiva brasileira para lá com algumas palavras de ordem ratificadas pelo governo do Fernando Henrique Cardoso que incluíam cotas na universidade, mudanças nas categorias do IBGE³¹ – aliás, isso, foi do plano de direitos humanos do governo FHC. E lá chegaram e falaram publicamente, logo em seguida o governo do estado do Rio de Janeiro produz uma legislação marcando cinquenta por cento das vagas das instituições estaduais de educação superior para alunos de escolas públicas e quarenta por cento para pretos e pardos – acho que foi a expressão usada. Foi votado sem debate nenhum. Eu falei: “Meu Deus do céu, o Brasil vai fazer isso sem discutir?”. Eu fiquei pasmo, sobretudo porque cotas nos Estados Unidos são inconstitucionais, não há cotas. Você pode levar em consideração a raça no processo de

³¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

selecionar alunos da universidade entre outros fatores. Mas cota? Pela Corte Suprema foi declarada não constitucional. Então achei: “O Brasil vai além dos Estados Unidos? Como vai decidir quem é quem?”. Fui a algumas reuniões aqui no Rio de Janeiro. Fiquei imaginando a perplexidade: “Será que vão chamar antropólogos para dizer quem é quem?”. Mas o que mais me preocupava era que o Brasil estava querendo inventar categorias legais que não tinha havido desde, pelo menos, a República. Aí eu comecei a escrever porque eu achei que, pelo menos, tinha que ser discutido, que era um assunto da maior importância. Logo percebi que do ponto de vista da maioria das pessoas, era coisa de preto. Não interessava. Por isso que passou lá na assembleia sem discussão nenhuma. Eu achava que não era coisa nenhuma, era coisa do Brasil [riso]. A própria [INAUDÍVEL] estava em questão. Eu, nascido inglês, estava sendo mais nacionalista do que os nacionalistas. Acabei sendo. Lembro que um colega meu, Fernando Rosa Ribeiro, escreveu uma tese de doutorado sobre a África do Sul genial comparando com o Brasil, me acusou de ser muito nacionalista: “Peter, você está sendo muito nacionalista, seja mais antropólogo” – ele falava. Mas eu fiquei mesmo mobilizado por causa da minha experiência na África. Eu fiquei com o meu país adotivo seguir esse caminho, eu achei que não... Eu fiquei com pena. E quando as pessoas me perguntavam: “Mas Peter, por que você mora no Rio de Janeiro com tanto pobreza, polícia corrupta...?”. Os ingleses me visitavam: “Como é que você pode morar aqui?”. Eu disse: “Eu moro aqui e você pode morar lá, mas a mesma coisa continua. Você também é responsável. Mas pelo menos no Brasil não temos raça como conceito legal. Pelo menos isso. E as pessoas conversam ainda. Não há desconfiança fundante que há nos outros lugares, pelos menos isso que faz do Brasil o Brasil, diferente”. Esse é o meu nacionalismo. Aí então eu fiquei assustado porque eu achava que uma vez que você coloca essas coisas na letra da lei, você acaba cristalizando e prejudicando o outro lado possível que é o lado da renegação da cor a um dos vários fatores envolvidos na avaliação dos cidadãos. Aí fui escrevendo, escrevendo e fui percebendo que a velha Fundação para quem eu trabalhava estava agindo muito, muito, muito no apoio a esse processo. Eu fiz um levantamento em 2002, 2003 mais ou menos, eu vi que mais de sete milhões de dólares estavam investidos nesse projeto. Inclusive a própria formação dos brasileiros que foram para Durban. Quer dizer que a Fundação Ford era um dos grandes financiadores dessa inflexão da maneira pelo qual o Brasil enxergava a questão racial. Então bolamos um projeto e pedimos a Fundação Ford apoiasse, que era um projeto de avaliar o que de fato estava acontecendo. Eu achava que a Fundação apoiava porque a Fundação não gosta de ser vista como unívoca. Não gosta. E de

fato, mesmo as pessoas lá dentro da Fundação que estavam apoiando esse processo, nos apoiaram. É de se tirar o chapéu para elas que nos apoiaram. O projeto de fato foi muito difícil, acabou acabando porque nós tentamos montar um projeto com as pessoas pró e contra as cotas e era uma convivência muito difícil. Como vocês sabem, polarizou-se tanto essa discussão que a razão, se é que exista, acabou sendo renegada a segundo plano. Aliás, a única vez no Brasil que eu me senti mal e com medo... Quando as pessoas começaram a me acusar de racista. Foi muito, muito racista. Antigos colegas, amigos inclusive, militantes negros começaram a me acusar de traidor inclusive, porque eu que teria escrito sobre Umbanda, eu que teria feito coisas em prol do conhecimento e tal, como eu poderia ser *contra*? Eu argumentava: “Não, não era contra. Muito pelo contrário”. Mas enxergavam isso como uma questão nacional e não como uma questão de um grupo e que por isso que eu tinha que adotar uma posição distinta e se não adotasse eu estaria sendo desonesto comigo mesmo. Mas fui voto vencido e vamos ver o que vai acontecer no futuro, não é? A minha impressão é que o Brasil é muito maior do que esses projetos. Mas essa é uma reação otimista que eu tenho, espero que seja... [risos] E vamos ver o que vai dizer o Tribunal Superior, a Corte Suprema que por alguma razão parece que está deixando de lado. Não sei o que vai ser. Ou talvez estão esperando o vinte de novembro para fazer o pronunciamento, estão esperando o [Joaquim] Barbosa ser presidente da Corte. Porque só assim, não é? Talvez, não é? Há muito simbolismo envolvido nessas questões. Não sei, mas foi essa a minha experiência. Foi interessante porque eu, ex-funcionário da Fundação Ford, me encontrava no campo oposto de fato. Eu sei que o dia que eu fui lá, no meio de reunião de militantes, para conversar com os *program officers* sobre o nosso projeto, eles foram muito, muito criticados, porque foram vistos conversando comigo. Então eu acho que foi uma certa coragem delas me apoiar, mas isso não tira o fato de que eu estava de fato em desacordo com a posição que a Fundação tomou. Eu achava, e ainda acho, que eles estavam fazendo no Brasil o que seria ilegal fazer nos Estados Unidos da América. Isso me chamou muito atenção. Quer dizer, eles não poderiam apoiar um projeto de cotas nos Estados Unidos da América, é inconstitucional, mas no Brasil podia. Só que quem estava fazendo eram brasileiros. Quer dizer que os *program officers* nessa época eram majoritariamente cidadãos brasileiros. Então achei interessante, ainda acho interessante isso e merece pesquisa. Mas eu não poderia deixar de dizer o que todo mundo sabe, que eu achei uma política mal concebida e desnecessária. Eu acho uma pena que a Fundação Ford foi tão generosa em apoiar esse processo e se fosse os Estados Unidos eles não conseguiriam, com certeza.

L.O. – Muito obrigada, inclusive, a importância de registrar a sua posição, a sua história e como foi.

H.A. – E com todo esse contexto fica muito coerente, não é?

P.F. – Não coerente, porque eu mudei...

H.A. – Sim, mas a sua mudança...

P.F. – Não, mas eu mudei de opinião mesmo. Porque só depois daquela situação no Zimbábue que eu percebi que a tal consciência racial não é um bem necessariamente, não é tão natural assim, por que tem que ser? Por que tem que produzir algo que não...? Por quê? Porque o Brasil é atrasado que tem que ter? Mas eu vi que a maioria pensa assim, tem que ter orgulho da raça, cor não é raça, essas coisas. Aliás, a única coerência é uma coisa que tem que dizer também. A questão da Aids não era apenas eu cidadão, era eu gay também, isso tem que ser dito. Porque eu não sei se... Eu acho que tem a ver sim. E o fato de ter tantos amigos morrendo a toa nessa época. Quer dizer, isso faz parte também. E todo mundo sabia que eu era gay, inclusive a Nossa Senhora da Fundação, eu chamava ela assim, Nossa Senhora da Fundação, carinhosamente, que era generosa. Mas a minha relação com a militância gay foi idêntica, isso pelo menos foi consistente. Na década de 70, quando começa o movimento gay no Brasil, eu não consegui virar militante daquele movimento, porque não concordava com a necessidade de produzir uma identidade específica para mim ou para qualquer outra pessoa. Eu achava que era uma coisa arraigada em mim essa ideia do indivíduo autônomo, uma espécie de princípio básico que eu tenho. Eu tenho mesmo, para o bem e para o mal. Eu queria muito um mundo onde essas várias facetas fazem parte, mas que não dominam, não são supra, não englobam todos os demais aspectos dos indivíduos, acho. E olhando para os Estados Unidos, você vê agora uma nova geração de pessoas de cor pensando da mesma forma. Eles não querem ser... Eles são contra. Eles querem inventar novos termos para escapar da dicotomia entre negro e branco. Obama certamente é um deles. E não é por acaso que Obama disse para o embaixador brasileiro – isso eu li no jornal, devia ter recortado: “Eu pareço brasileiro, não é?”. O que ele estava querendo dizer? Tinha uma mãe branca, um pai africano: “Eu sou uma mistura”. Eu achei que era isso

que ele estava dizendo e por isso que os velhos militantes negros odiavam ele no início. O Jesse Jackson odiava, ameaçou capar Obama. Quer dizer que o mundo está mudando *lá*, então eu achava que o Brasil estava comprando uma coisa já caduca que não precisava. Já falei de mais, não é?

L.O. – [risos] Vendo as planilhas das doações Ford no Brasil, achei lá uma relação sua com a Fundação Ford a propósito de questões de raça, *african, black...* Não sei muito bem o que era, você se lembra?

P.F. – Quando?

L.O. – 1979.

P.F. – Em 79, eu estava em Campinas. Eu suspeito que isso deveria ter sido um concurso de financiamento de pesquisa da Fundação Ford que eu apliquei junto com um colega meu da Inglaterra, Gary Nigel Howe, que era lá da London School of Economics. Nós fizemos um projeto de pesquisa sobre Umbanda e Pentecostalismo. Era um projeto para entender porque você tinha dois sistemas religiosos tão antagônicos ocorrendo na mesma ecologia social, porque tanto o Pentecostalismo, naquela época, quando Umbanda eram majoritariamente das classe C, D, E, não é isso? Disso sai um artigo que até hoje é citado porque depois o Pentecostalismo vai ficando cada vez maior. Então nós ganhamos essa bolsa. Gary Nigel Howe, como disse, dava aula... Perdão, era estudante de doutorado lá na School Economics em Londres e tinha uma namorada chamada Rose. Rose era uma bailarina e uma psicóloga – fazia psicologia em Londres. Ficamos muito amigos. Uma mulher linda e muito, muito inteligente. Aí eu fui passear na Inglaterra... Talvez foi a morte do meu pai... Não me lembro. Mas eu fui à Inglaterra em 80 e a Rose já estava de volta na Inglaterra e combinei com ela de tomar uma cerveja no pub onde sempre tomávamos uma cerveja quando dava aula na Universidade de Londres. Nos encontramos todos lá e Rose disse para mim: “Peter, você percebe o quanto é diferente a Inglaterra do Brasil? Se estivéssemos no Brasil, já estávamos falando com um monte de gente. Mas está cada qual na sua mesa, ninguém fala com ninguém”. Eu disse: “Concordo com você, Rose. O que nós vamos fazer?”. “Você vai falar com alguém”, ela disse, “Por exemplo, aquela pessoa lá que parece indiano, tomando cerveja lá no bar, vai lá conversar com

ele”. Fui eu, puxei conversa, veio o cara e senta na nossa mesa. Conversa vai, conversa vem, ele é de Zimbábue. Coincidência, não é? Não era do Paquistão. Aí em seguida vem um outro, australiano, amigo do zimbabuano, senta na mesa. Conversa vai, conversa vem. Acabou, todo mundo foi para casa. Esqueci do assunto. Quando voltei para o Brasil, o Gary Nigel Howe vem falar comigo em um tom assim, disse assim: “Peter, você está recebendo dinheiro da Fundação Ford além da nossa pesquisa?”. Eu disse: “O quê?”. Ele disse: “Sim, você está recebendo mais dinheiro do que está lá na pesquisa?”. Eu disse: “Mas que pergunta absurda, claro que não”. “Não porque é uma coisa muito séria, porque você está sendo acusado de receber para além disso para atividades políticas no Brasil”. Eu disse: “O quê?”. Bom, eu fiquei assustado, porque, sem saber, o paquistanês que não era paquistanês e o australiano eram membros de uma organização de hiper esquerda, intercontinental, que achava que eu tinha procurado ele lá no balcão por razões políticas: por que alguém se levantaria para falar com alguém no bar se não fosse motivo muito, muito, muito sério? Porque isso não se faz na Inglaterra. [risos] Então uma coisa corriqueira no Brasil se tornou uma coisa altamente suspeita. “E você sabe que – o Gary disse – estão querendo te matar? Cuidado”. Fiquei tão assustado que pensei: “O que vou fazer agora?”. O que eu fiz? Fui falar com a Ruth [Cardoso] para poder falar com o Fernando Henrique, porque era a única pessoa de política de esquerda que eu tinha acesso para me ajudar. O Fernando disse: “Isso me parece um pouco além da conta. Acho que você não precisa se preocupar não, mas qualquer coisa vem falar comigo e tal, tal”. [riso] Aí já morreu o assunto, mas depois, isso é uma outra história, descobri que a Rose também esteve envolvida com esse movimento e outras vezes que tive que parar de conversar com ela. A gente saía para tomar um piquenique no Hyde Park, ela disse assim: “Está vendo aquele Volvo que passou? Já é a segunda vez que passa”. É um mundo completamente paranóico, mas não deixa de ser interessante, porque do ponto de vista dessas organizações coalizão de esquerda, a Fundação Ford era o braço direito da reação norte-americana quando *ela* se define como de esquerda. Não é interessante? [risos].

[FIM DO DEPOIMENTO]